

VOLUME VI

# CONTOS E POEMAS ASSOMBROSOS

HISTÓRIAS PARA LER NA CALADA DA NOITE



ADEMIR PASCALE  
ORGANIZADOR

**ORGANIZADOR**

**ADEMIR PASCALE**

**Copyright © por Autores**

**Projeto editorial por Ademir Pascale**

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos  
autores**

**Obra protegida por direitos autorais**

**Este e-book é parte integrante**

**da Revista Conexão Literatura**

**ISBN: 978-65-00-47783-2**

**2022**

**Patrocínio:**

**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**



# SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO CONTO OU POEMA

- O trem das onze horas, por Aline Rodrigues, pág. 05
- O voo do condor, por Elidiomar Ribeiro da Silva, pág. 09
- Poltergeist, por Fábio Almeida, pág. 14
- Morte antes da vida, por João Cleber Lima Soares, pág. 20
- Xumbreguinha, por Mauro M. Massuda, pág. 23
- Bruxa mulher, por Neuza Carvalho Melo, pág. 29
- Vampiro, mestre sugador, por Neuza Carvalho Melo, pág. 35
- Lobisomem, o homem, por Neuza Carvalho Melo, pág. 42
- Tiúátóçuntót Uma Lenda do Cerrado, por Ney Alencar, pág. 48
- Anikuge, por Ney Alencar, pág. 52
- Alma morta, por Ney Alencar, pág. 57
- Osvandir e a mulher de preto de Ouro Branco, por Osvandir, pág. 61
- Um grito no escuro, por Roberto Schima, pág. 66
- Fantasma residente, por Sellma Luanny, pág. 75
- Bruxuleante, por Sellma Luanny, pág. 77
- Não importa o que você faça ou diga ele tentará enganar você, por Sueli Kellen Fujimoto Giroto, pág. 79
- Fumaça do mal, por Tatiane de Oliveira, pág. 83
- Vida longa aos mortos!, por Uriel Volk, pág. 86
- Conjuração perversa, por Alex Vilaron, pág. 93
- Conheça outros títulos da coleção, pág. 100

VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)  
[WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)  
[WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)









APRESENTAMOS O  
CONTO

# O TREM DAS ONZE HORAS

POR ALLINE RODRIGUES

99 7247-2

CARIOCA, NASCIDA EM 14 DE SETEMBRO DE 1992. FORMADA  
EM LETRAS E ESPECIALIZADA EM LITERATURA BRASILEIRA.

**H**á cinco anos uma vez por mês uma jovem é misteriosamente assassinada assim que desembarca do trem das onze horas, do qual é o último trem que circula diariamente e até hoje esse crime não foi solucionado. Por ser um conjunto de municípios que fazem parte do vale do interior, o acesso mais viável é pelos trilhos, a polícia local não tem tantos recursos como a da capital assim, segundo o delegado Altair Teixeira do município de Corta Vento.

Mas esse caso está tendo notoriedade e causando fascínio por muitos curiosos e receio da população de todos os cantos. Aqui no Jornal Diário da vida queremos explorar a realidade humana crua e nua e, por isso, esse crime ganhou a nossa atenção, tempo e recursos para investiga-lo. Para isso, foram enviados os melhores jornalistas investigativos que só vão receber se a matéria der um caldo bom e não é atoa que estou à frente de um jornal que não sai da boca do povo.

Só que parece que dessa vez eu atirei no meu próprio pé, pois foi gasto muito desempenho para pouco resultado de uma cobertura de um crime que o povo está seco por respostas e pensei, repensei o que fazer para sair desse enroscado que eu me meti e que agora não tem mais volta e por alguns instantes a minha mente saiu do corpo em busca de uma misera solução assim, decidi que agir por conta própria para garantir a minha posição e alavancar mais ainda a minha carreira.

Não respirei um só segundo e só fui com a roupa do corpo e uma bolsa com blocos para anotações, caneta com micro câmera embutida rumo a Corta Vento quando faltavam apenas quatro dias para o assassino atacar novamente. Depois, de seis horas de viagem desembarquei cheio de gás e sem entender como até agora não conseguiram descobrir nada a respeito desse crime com anos de duração.

Como já se era de esperar ninguém sabe, nunca viu nada e nem gosta que toque no assunto, mas nada do que a linguagem do dinheiro não faça os fatos aparecerem, assim funcionou com o médico legista nascido e criado na cidadezinha que um dia foi tão segura quanto o chão que se pisa, mas vamos ao que interessa, o Dr. Marcelino Jr. afirmou que todas as vítimas eram mulheres, além disso, todas possuíam algo em comum, o tão desejado anel de noivado e isso me leva a crer que o provável assassino seja um homem traído ou que perdeu a sua noiva.

Agora, faltam três dias para a data mensal desse crime brutal se concretizar novamente e infelizmente o dia foi perdido lá no arquivo municipal de Corta Vento na busca de relatos e notícias sobre uma noiva local que foi assassinada ou que traiu o noivo

e como é uma cidade do interior do interior a tecnologia ainda não chegou da forma mais plena possível então, o processo de busca é árduo.

Na véspera do crime acordei desmotivado, sem ânimo quando tive um lampejo, do qual eu poderia desvendar esse crime e se eu estivesse certo, mas era tão óbvio demais que chego a duvidar de tanta certeza do meu faro investigativo. Assim, segui novamente para o arquivo da cidade só que dessa vez atrás de alguma notícia sobre vítimas de acidente de trem antes da série de crimes e se fosse esse o X dessa espinhosa questão eu acharia o motivo e o criminoso.

O tempo passa como um foguete quando a gente tem pressa e não consegue encontrar o que procurava e fui caminhando frustrado para o hotelzinho me sentindo um fracassado até a dona Dina da recepção do hotel percebeu e contei a minha aflição e ela se espantou e disse:

— Nunca, vi alguém se agoniar tanto assim para querer tanto saber de um caso, se esse fosse todos os problemas do mundo eu seria a rainha das soluções, pois eu conheço bem essa triste história.

— A Marcinha, filha do Tonho, irmã do Chico marceneiro sofreu um acidente de trem tem uns seis anos se não me engano. Menino nem te conto, estava uma correria na estação e o trem vinha com velocidade e a jovem Marcinha acabou caindo nos trilhos e o trem não conseguiu frear. Olha foi horrível!

— Ela era noiva de Belmiro que chegou aqui em Corta Vento ainda menino, mas depois do acontecido ele sumiu pelo mundo e tem gente que diz que acabou endoidando e outros o viram de relance vagando pela estação de trem a espera da noiva. O homem era louco pela finada Marcinha que Deus a tenha, já tinha montado a casa toda, os moveis todos talhados a mão, pois Belmiro trabalhava com o Chico.

Não me contive e tive que perguntar para a dona Dina por que a moça iria viajar tão tarde e para a minha surpresa e alívio ela me respondeu dizendo que a jovem foi buscar o vestido de noiva que seria entregue no desembarque do trem das onze horas.

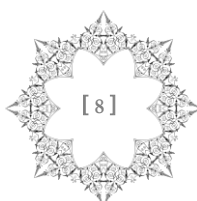
Mas suposições não resolve o caso e agora, só me resta aguardar até amanhã o dia do suposto crime e tentar impedir antes que aconteça o pior. Assim, que o sol raiou, procurei o delegado Altair Teixeira para contar o que eu descobri e pedir uma escolta policial e ele riu da minha cara e disse:

— Não sabia que um jornalista agora é um investigador da polícia. Não parece, mas tenho muito que fazer para dar ouvidos a um forasteiro que acha que sabe de tudo agora, saia ou considere-se preso por desacato a uma autoridade da lei.

Não tinha outra opção a não ser esperar e agir sozinho assim, a noite chegou e me encaminhei até a estação e chegando lá comprei uma passagem para o primeiro trem do dia seguinte como se fosse um passageiro qualquer, mas me surpreendi com o fluxo de gente, pois mal podia enxergar o chão e foi quando eu ouvi o trem se aproximando e aquele som não sai dos meus ouvidos até hoje.

E o trem parou e junto veio aquele alvoroço quando de repente vem um grito do fundo das entranhas, as pessoas pararam e quando eu me aproximei vejo Teresa a minha noiva estirada no chão da estação com o coração arrancado e seu anel de noivado manchado de sangue, na verdade, o que mais se via era sangue e mais sangue e vinha uma culpa que me invadia, pois eu deveria ter entrado em contado com ela para evitar essa viagem a minha procura.

Confesso que fiquei muito balançado com a morte de Teresa é como se parte da minha alma fosse cortada, mas inúmeras teorias circulam a minha mente que chega a me agoniar e nada tira da minha cabeça que eu deixei um fio solto chamado delegado Altair Teixeira, pois sabe muito mais do que alega. Agora, do que adianta me amofinar com isso o fato é que a vida passou dos limites de me surpreender, pois além, de não solucionar o crime perdi a minha doce noiva e ainda por cima estou respondendo um processo por atrapalhar as investigações de um crime agora, atrás de Teresa eu vou assim que chegar o trem das onze horas.





A black and white photograph of a condor in flight, with its wings spread wide, set against a cloudy sky. The image is framed by a dark border with four bright green L-shaped corner markers.

APRESENTAMOS O  
CONTO

# O VOO DO CONDOR

POR ELIDIOMAR RIBEIRO DA SILVA

BIÓLOGO FORMADO PELA UFRJ, MESTRE E DOUTOR EM ZOOLOGIA PELO MUSEU NACIONAL/UFRJ, PROFESSOR DO INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS DA UNIRIO, ONDE COORDENA O LABORATÓRIO DE ENTOMOLOGIA URBANA E CULTURAL. ORGANIZADOR DO COLÓQUIO DE ZOOLOGIA CULTURAL E DA MOSTRA DE BIOLOGIA CULTURAL, É EDITOR-ADJUNTO DA REVISTA A BRUXA E EDITOR DO ZINE HOMEM-LEOA.

**N**a pequena cidade de Epitaciolândia, no estado brasileiro do Acre, o tempo costuma demorar a passar e as novidades, quando acontecem, quase sempre são vistas por todos. Era um fim de tarde no quinto domingo da Quarema e, após ter ido à missa de manhã e tentado a sorte na pescaria no Igarapé das Filipinas, José descansava a carcaça na rede pendurada na varanda de sua casa. Daqui a pouco a luz do dia acabaria, sinalizando a hora de dormir para aqueles que acordam antes do nascer do sol para mais uma jornada de trabalho. Cedinho José já teria que estar na lida do gado.

Distraído, pensando em nada, o peão teve sua atenção atraída por algo incomum. Uma grande ave preta, muito maior que os urubus tão comuns por ali, cortava o céu quase sem bater asas, voando em círculos cada vez mais baixos. José sentiu um arrepio na alma e, de um pulo, já pegou logo sua espingarda de caça e atirou contra a ave no céu. O tiro foi certo, a ave rodopiou e caiu na mata próxima, uns 100 metros dali. O que José e todos os outros que viram a cena não sabiam é que aquela ave é um condor-dos-andes, um gigante dos ares, o maior animal atual com capacidade de voo. Não é comum que tal criatura seja vista no Brasil, na verdade a área de distribuição da espécie são as terras altas do oeste da América do Sul. Porém, com asas enormes e tremenda capacidade de voo, não é de se estranhar que o gigante tenha vencido umas poucas centenas de quilômetros e sobrevoado Epitaciolândia, onde foi muito mal recebido.

Calculando onde a ave provavelmente teria caído, José se apressou em correr até lá, munido, é claro, de sua espingarda. Nenhum dos vizinhos que viram a cena quis acompanhá-lo, temendo que não fosse um bicho real, mas algo de outro mundo. Diante disso, José até chegou a hesitar um pouco, mas a curiosidade falou mais alto. E lá se foi o peão para o mato.

Durante a curta caminhada, de início em um descampado e logo depois pela mata nativa, ainda um pouco preservada, sequer passou pela cabeça de José que ele tinha cometido um crime ambiental. Afinal, a caça é proibida no Brasil, mas essa, infelizmente, é apenas uma dentre tantas leis que não chegam até Epitaciolândia — na verdade, não chegam em grande parte do território nacional. Não, de fato José nem pensou nisso. Estava pensando é no que o pessoal falaria ao vê-lo com uma ave tão grande. Que bicho seria aquele?

Rastreando pela mata, José chegou mais ou menos ao lugar aonde ele imaginou que a ave teria caído, isso bem em uma clareira. De fato, só de chegar à clareira ele pôde

ver o grande conjunto de penas pretas. Chegando mais perto, José tomou um grande susto e caiu para trás, largando a espingarda na queda: a ave, aparentemente abatida, tinha se levantado e transformado na estranha figura de uma velha vestida toda de preto. Uma bruxa! A velha, que manjava um longo cajado, era magra, alta, bastante curvada, com braços finos, mãos grandes e dedos compridos como se fossem garras. O nariz era grande e curvo, os olhos muito escuros e o queixo bastante pronunciado. A bruxa se aproximou do peão, que estava petrificado de medo, apontou-lhe o cajado e disse, com uma voz arranhada e capaz de gelar o sangue até mesmo dos mais corajosos:

— *Fumo.*

Diante do olhar de incompreensão de José, repetiu de modo ainda mais tenebroso:

— *Fuuuuumo!*

Finalmente o peão entendeu que ela queria fumo. Ele tinha um punhado no bolso, sacou e ofereceu à bruxa, que, após examinar, disse:

— *Pouco. Fumo! Fuuuuumo!*

Desesperado, José disse que não tinha mais fumo, só aquele pouquinho mesmo. Ao que a bruxa rosnou:

— *Amanhã. Aqui. Fuuuuumo!*

E, com um salto, desapareceu no céu de início de noite, deixando o peão sentado no chão. Mesmo muito abalado, José entendeu que a bruxa queria uma grande quantidade de fumo, a ser entregue amanhã ali, naquela clareira, provavelmente na mesma hora. Levantou, pegou sua espingarda e partiu de volta para casa.

Lá chegando, viu que alguns vizinhos esperavam por ele, mesmo aqueles que costumeiramente já estariam dormindo nessa hora. José contou tudo, com todos os detalhes que o nervosismo permitiu que lembrasse. Logo um dos ouvintes deu o veredicto:

— *É Matinta! Você viu a Matinta Perera, uma bruxa que vira ave. Ou uma ave que vira bruxa, sei lá. Só sei que ouvi dizer que ela percorre as cidades e, para não assombrar, exige que lhe deem fumo. Aí ela deixa todos em paz.*

Depois todos foram dormir, pois amanhã seria dia de lida.

José acordou bem cedo, como de hábito. Beijou a esposa e a filhinha, que mal tinha completado três meses de idade, e partiu para a roça. Trabalhou duro, como sempre fez, tanto no trato com os bois como no cuidado com a hortinha que mantém perto de casa. Quando percebeu, já era quase noite. Hora de voltar para o descanso no refúgio do lar. Nem por um instante passou pela cabeça de José retornar à clareira da mata levando o

fumo para entregar à bruxa. De forma alguma ele arriscaria encontrar novamente a Matinta. Quando a bruxa percebesse que ele não foi ao encontro, certamente bateria asas e voltaria ao inferno de onde veio, pensou.

Já em casa, sentado à mesa do jantar, José calhou de olhar para a janela. E uma visão fez com que se arrepiasse até a raiz dos cabelos: era a Matinta, ali fora, olhando para ele pela janela. Após um breve instante de olhares cruzados, seguiram-se uma explosão de luz e um barulho muito alto, tipo um “*íéééééé...*”, e Matinta não estava mais ali. José e sua esposa tiveram a mesma ideia e correram, ambos, para o quarto da filha. Ao chegarem, se depararam com o berço vazio e a janela aberta, por onde viram o vulto de uma ave gigantesca voando na direção da lua cheia.

Desesperado, chorando sem parar, José reuniu todo o fumo que tinha em casa, juntou tudo em uma bolsa e correu para a floresta. Em meio à escuridão, tropeçando no emaranhado de raízes e caindo muitas vezes, José conseguiu chegar, esbaforido, à clareira. Onde identificou o vulto da Matinta. Com o corpo inteiro tremendo, José caiu de joelhos e implorou à bruxa:

— *Por favor, devolva minha filha.*

Mesmo no breu da noite, o peão conseguiu ver o brilho vermelho nos olhos da Matinta, que falou:

— *Fumo.*

— *Sim, sim, eu trouxe o seu fumo, está aqui. Por favor, pegue, pode ficar com tudo. Mas, por tudo que é mais sagrado, devolva minha filhinha.* José suplicou com todas as suas forças, lançando a bolsa cheia de fumo para perto da bruxa.

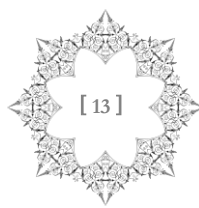
— *Pouco. Amanhã. Mais fumo.* Após falar isso, Matinta pegou a bolsa, se transformou em condor e desapareceu no céu da noite.

— *Nãããããã!!!* Ainda de joelhos, José gritou. Porém, um barulho na mata chamou sua atenção e, aliviado, o peão percebeu que a filha estava lá. Sã e salva, dormindo como um anjinho. Com os olhos encharcados, José carregou seu bebê de volta à segurança do lar.

Na manhã seguinte, José não foi trabalhar. Gastou todo o seu dinheiro comprando fumo. Não satisfeito, vendeu tudo de algum valor que possuía em casa e, com o dinheiro arrecadado, comprou mais fumo. Ao final da tarde, tinha quatro bolsas cheias de fumo. Arrastou as bolsas até a clareira e ficou esperando. Caiu a noite e ele continuou esperando. Até que, exausto, José não resistiu ao sono, dormindo profundamente, só



acordando aos primeiros raios do sol. Para finalmente perceber que, na verdade, Matinta Perera não queria mais fumo. Queria, isso sim, ensinar-lhe uma lição.





APRESENTAMOS O  
CONTO

# POLTERGEIST

POR FÁBIO ALMEIDA

CARIOCA, NASCIDO NO BAIRRO DE BOTAFOGO, ME FORMEI EM JORNALISMO NA PUC-RJ EM 2014 E, DESDE ENTÃO, ME DEDICO À PROFISSÃO E TAMBÉM AO MEU AMOR PELA ESCRITA, PRINCIPALMENTE A ESCRITA COM O TEMA DE TERROR.

*Rose*

**R**ose não poderia deixar de tomar seu remédio. Já passara das 23h e essa era a hora que começava a ser assombrada por um Fantasma. Todos diziam que ela estava louca, afinal seu histórico de comportamento era o argumento perfeito para aqueles que desejavam desacreditá-la. Mas só ela sabia o que estava passando.

Instalara câmeras na casa para provar a si mesma que não estava louca. Os móveis que mudavam de lugar, os barulhos na cozinha e principalmente: o rangido em seu telhado que assombrava todos os seus sonhos. Pensara em se mudar, mas não havia para onde ir. As câmeras nunca diziam nada. Era como se tudo fosse fruto de sua imaginação. Tudo nas imagens sempre estava do mesmo jeito, mesmo ela vendo com os próprios olhos que a configuração de sua sala mudava. Às vezes eram pequenos detalhes, como o abajur deslocado do centro da mesinha, ou a TV fora da tomada. Mas certas vezes, o fantasma trocava toda sua mobília de lugar. Ela dormia com a certeza de que estava sempre sendo observada.

Deitou-se com medo. Os traumas de seu passado violento a atormentavam. O diagnóstico de esquizofrenia nunca foi bem aceito por ela. Não havia família para apoiá-la. Precisaria confiar na medicação e de que aquilo tudo iria parar. Mas não parava. Escutou um barulho na cozinha e desceu para ver. Era como sempre, não via nada acontecendo, apenas após acontecer. Novamente sua louça estava no chão, sua mesa revirada e sua mente mais enlouquecida. Arranhou o próprio rosto e gritou de raiva. Pediu para ser deixada em paz, mas esse não era o plano do Fantasma.

No dia seguinte, resolveu contratar uma acompanhante com o argumento de que sua doença precisava ser assistida. Mas no fundo ela queria proteção. Seus nervos à flor da pele estavam levando-a ao delírio completo e ela não saberia dizer até onde poderia ir para acabar com aquela tortura.

Laura era uma mulher jovem, talvez jovem demais para um trabalho como esse — pensava Rose. Mas não importava quem fosse, desde que fosse alguém. Foi dormir mais calma naquele dia e teve a melhor noite em muitos meses.

Questionada, Laura disse que nada de errado havia acontecido durante a noite. Nem mesmo barulhos foram ouvidos. Rose ficou aliviada com a notícia e decidiu mantê-la

por perto. Talvez o Fantasma tivesse sido espantado pela simples presença de outra pessoa na casa, pensou Rose.

Duas semanas se passaram sem nenhum acontecimento. Laura havia rapidamente se tornado uma amiga. Seu jeito dócil de conversar e de se relacionar era mais do que ela buscava. Era um domingo, quando Rose decidiu chamar Laura para um chá sob o fogo da lareira. Fazia frio naquele dia. A neve que caía lá fora acalentava seu coração. Rose sempre gostara do frio, uma das poucas coisas em que sentia prazer na vida era ler sob o calor da lareira.

As duas conversaram a noite toda e Rose percebeu que começava a pensar em Laura como sua filha. Não era incomum esse seu sentimento, uma vez que sua vida era caracterizada por relações intensas, porém muito pouco duradouras. Sempre afastara os outros com sua forma sufocante de ser. Não repetiria esse erro com Laura. Sua companhia salvara sua vida da loucura iminente.

Depois da conversa, as duas foram dormir em paz. Rose sonhou com seu velho Fantasma, mas não teve medo. Era como se a presença de Laura fosse seu escudo contra tudo que sofrera no passado e recentemente.

Estranhou ao acordar 10h da manhã, sem o chamado costumeiro de Laura. Ela era acordada sempre com sua doce voz e um belo café da manhã. Colocou seu roupão e desceu às escadas. Quando chegou à sala-de-estar, escorregou em um líquido e bateu a cabeça com força no duro ladrilho do chão. Ao olhar para o lado viu o sangue que quase inundava a cozinha e gritou. Gritou com a força de toda sua alma, ao ver o corpo de Laura dilacerado e sem vida. Não havia cabeça ali. Separada do corpo, os belos olhos sem vida de Laura indicavam que ela havia sofrido uma morte horrível.

Desesperada, pegou seu celular para ligar para a polícia, mas viu que seria inútil. Ele estava despedaçado no chão, assim como o celular de Laura. Tentou correr para fora da casa, mas estava trancada. “Onde coloquei a chave?” — pensou. Enquanto procurava o objeto, começou em sua mente um debate se tudo que estava vendo fazia parte de sua loucura ou se realmente seu Fantasma tivesse agido e matado Laura. Quando finalmente achou sua chave, viu outro corpo no chão, perto das escadas. Era um homem que ela conhecia muito bem. E, como Laura, faltava-lhe a cabeça no corpo.



*Laura*

A vida não era fácil para Laura. Com dois irmãos menores para sustentar, e seus pais falecidos, aquele emprego vinha em boa hora. Não tinha nenhuma experiência para cuidar de idosos com esquizofrenia, mas curiosamente, Rose não estava interessada nisso. Sua sorte, finalmente, começava a mudar.

Foi fácil se adaptar ao novo trabalho e mais ainda a se relacionar com a rabugenta idosa. Laura aprendera muito cedo a falar o que os outros gostariam de ouvir e de agir como os outros gostariam que agisse. E no final das contas, aquele emprego era vital para ela. O primeiro salário foi dado adiantado, e aquilo salvou o mês de sua família. O que precisasse ser feito para agradar aquela velha senhora, ela o faria. Assim como aguentar suas estórias malucas de fantasma.

Laura sabia muito bem que o tal “Fantasma” era uma obra da cabeça da atormentada senhora. Diferente do que esperava, Rose se acalmou e se acostumou rápido com sua presença. Se transformaram em boas amigas rapidamente.

Era dia frio de domingo quando Rose a chamou para beber chá diante da lareira. Não recusaria um chá e muito menos o calor do fogo naquele dia de nevasca. Depois de muitas horas de conversa, cansada, a idosa foi se retirar. Laura aproveitou a deixa e foi ela mesma se recolher no belo quarto em que Rose disponibilizara para ela. Acordou com um barulho na cozinha e desceu para ver o que era. Sua mente demorou a entender por que todos os móveis da cozinha estavam revirados. Começou a sentir medo e temer pela veracidade da história da idosa. Não teve muito mais tempo para pensar naquilo. Logo que se virou, foi atingida no estômago com uma grande faca de cozinha. Urrando de dor, seu violento ataque estava longe de acabar. Não conseguia ver nada, apenas sentir os inúmeros golpes em sua barriga e peito. Quando sentiu a faca em sua garganta, tentou dizer uma última palavra de súplica. Mas não foi possível, o sangue jorrou pela cozinha e ela não sentiu mais nada.

*Roger*

Há muitos anos, Roger lidava com a solidão. Um coração partido há muito tempo, que nunca cicatrizara. Fora uma mulher que havia o deixado daquele jeito. Ele nunca se recuperou de seu relacionamento tóxico com Rose. Quando tudo entre eles acabou, Roger se afundou em remédios antidepressivos e seu crescente alcoolismo, que nada adiantaram

para controlar seu comportamento violento e psicótico. Ele sabia o que era, e não conseguia mais se controlar.

Em uma noite, decidiu que não poderia mais ficar em casa sozinho com seus demônios. Eles eram poderosos demais dentro de seu coração. Era preciso expurgá-los. A loucura que havia tomado conta dele, dera-lhe a ideia mais hedionda que teria em sua vida: atormentar quem lhe atormentara no passado. Rose pagaria por tudo. Não haveria espaço para clemência. Roger não tinha absolutamente nada mais a perder.

Secretamente, estacionou seu carro perto da casa de Rose e viu que a luz da sala estava acesa. A neve caía pesada lá fora, enquanto Roger via duas pessoas conversando sob o calor da lareira. Roger teria que esperar para executar seu plano. Quando percebeu que as duas mulheres foram dormir, entrou silenciosamente na casa de sua ex. Seu desejo era matar. Matar e fugir para bem longe, onde poderia terminar seus anos em paz, com a tranquilidade da vingança, que seu coração tanto ansiava. Mas quando entrou no recinto, seus planos foram por água abaixo ao ver que naquela casa a matança já havia começado.

### *O Fantasma*

O Fantasma gostava de agir ao seu bel-prazer naquela casa. Revirando móveis, produzindo barulhos no telhado, desligando aparelhos eletrônicos. Tudo que ele poderia fazer naquela casa para produzir loucura na velha senhora, ele o fazia. Havia um motivo para ele, uma boa explicação. Aquela era sua casa e ele a defenderia daquela velha invasora.

A chegada de uma segunda pessoa ao seu lar era um ultraje. Uma ofensa que ele não toleraria. Esperou pacientemente pelo dia certo de agir. Os avisos que dera não haviam sido claros o suficiente. Precisaria tomar uma ação mais permanente. Um aviso que não poderia ser ignorado.

Aquela jovem bonita de olhos azuis já ficara tempo demais em seu recinto. Há semanas estava em silêncio, esperando a hora de atacar, e finalmente decidira que era o momento. Atraiu Laura com barulhos na cozinha. Foi fácil demais pegá-la de surpresa. A jovem garota não poderia estar mais distraída. Os golpes de faca davam-lhe o prazer que tanto ansiava. O sangue para ele era como uma bela aquarela. E ele, era o artista. Decepeu a cabeça de Laura, quando se sentiu satisfeito com seus gritos de horror. Seria o

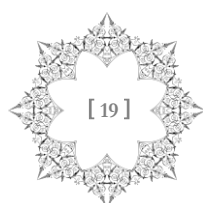
aviso final de aquela casa era dele — e de ninguém mais. Quando acabou sua obra de arte, escutou um barulho. Não poderia ser verdade, mas era: um outro invasor. O Fantasma não iria tolerar aquilo. A sua sede por sangue acabava de ser renovada

O homem que entrava em sua casa não era bem-vindo e o Fantasma usou sua faca para mandar o recado. Errou o primeiro assalto, mas não o segundo. Ferido, o homem tentou subir as escadas. A cena patética daquele ser rastejante só fez sua vontade de matar aumentar. Não lhe deu muito tempo para sentir dor, como fizera com Laura. Dessa vez, se saciou rapidamente e cortou sua cabeça.

### *Gerald*

Rose se desesperou com os dois corpos em sua casa. Pegou sua chave e gritou por socorro. Não apenas o socorro chegou, mas também a polícia. O policial Gerald ainda não havia estado na presença de tanta morte e sangue. Sua primeira dedução era simples: latrocínio. Mas nada daquilo fazia sentido. Percebeu que havia câmeras naquela casa. Rapidamente, a velha senhora disponibilizou as imagens para a polícia, pois ela mesma ansiava em descobrir que realmente seu Fantasma era verdadeiro. “Fantasma, fantasma, fantasma”. Era tudo que aquela velha maluca dizia. Mas Gerald sabia muito bem que fantasmas não matavam. Tudo começava a ficar mais claro para ele.

Sob o olhar atento de todos os policiais e da própria Rose, o policial Gerald colocou o vídeo para rodar. Tudo era cristalino como a água. Rose era uma senhora doente demais, mas ninguém poderia adivinhar que teria tamanha força assassina. A cena de horror fez Gerald querer vomitar. Ver uma idosa arrancando a cabeça de duas pessoas era um trauma que ele carregaria para o resto da vida. Rose sorriu quando todos olharem para ela. Mas não demorou muito para começar a chorar e jurar que não era ela. “Foi o Fantasma. Foi o Fantasma” — Gerald a ouvia gritar loucamente. O policial não teve pena em chamar o serviço do sanatório para tirar aquela velha assassina o mais longe possível de sua presença. Quando chegou em casa, Gerald não conseguiu jantar. Na verdade, ele nunca mais seria capaz de apreciar qualquer refeição.



APRESENTAMOS O  
POEMA

# MORTE ANTES DA VIDA

POR JOÃO CLEBER LIMA SOARES

JOÃO C. L. SOARES NASCEU NO BRASIL, ESTADO DA PARAÍBA, EM 1978. É SERVIDOR PÚBLICO FEDERAL. GOSTA DE ESCREVER POEMAS EM FORMA DE TERCETOS ENCADEADOS, ESTILO CRIADO POR DANTE ALIGHIERI. O GOSTO PELA MÉTRICA FOI INFLUENCIADO PELA LITERATURA DE CORDEL, MUITO COMUM NO NORDESTE BRASILEIRO. ESCREVE SOBRE TEMAS VARIADOS, DESDE POEMAS LÍRICOS ATÉ POEMAS GÓTICOS.





Misteriosa vida após  
Pois ninguém sabe o que há nela  
Mas há uma existência atroz

Profunda sob caravela  
Ser morto por fratricídio  
Na cova escura sem vela

Um ser que sequer tem ódio  
Canibal de recém-nato  
Irmão que não tem fastio

Mata antes do nascimento  
Do seu irmão e do seu próprio  
Dentro de um cenote insólito

Onde o útero é cemitério  
Com apoio maternal  
É ingrediente culinário

Cada novo irmão carnal  
No mar de líquido amniótico  
Sarcófago neonatal

Irmão mais velho psicótico  
Porém mata por ter fome  
Vive no lugar mais caótico

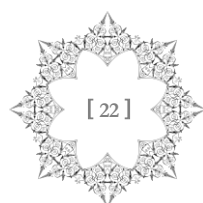
Pois quem não mata não come  
História com milhões de anos  
Onde se repete a síndrome

Velhos seres antropófagos

Na profundidade abissal  
Megalodontes antigos

E a cria do tubarão atual  
Já nasce assassino em série  
No paraíso de coral

Triste, porém, real barbárie



APRESENTAMOS O  
CONTO

# XUMBREGUINHA

POR MAURO M. MASSUDA

PAULISTANO NATO, FORMADO EM ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS, LEITOR DESDE A MAIS TENRA IDADE, E ESCRITOR NAS HORAS VAGAS. PAI DE UMA FILHA ADORÁVEL, QUE É A SUA PRINCIPAL PLATEIA PARA AS HISTÓRIAS QUE CRIA, MAS TAMBÉM INTERESSADO EM TEMAS COMO POLÍTICA, FICÇÃO-CIENTÍFICA, MUNDOS DE FANTASIA, SEMPRE ATRÁS DE SUA PRÓPRIA JORNADA DE HERÓI.

**M**agricela e feioso, esse era o Xumbreguinha. Não era seu nome de verdade, era apenas o apelido de infância, do tempo em que íamos juntos para a escola. E quando esse tempo chegou ao fim, seguimos rumos diferentes, cada um da velha turma foi se ajeitando, naquilo que achávamos, quando adolescentes, que seria uma coisa aborrecida, mas que ia se tornando mais aconchegante enquanto amadurecíamos: arranjar um trabalho, casar, ter filhos, batalhar para ter uma casa com garagem, e daí o carro para colocar na garagem.

Já o Xumbreguinha não havia ido muito longe.

Talvez algumas pessoas sejam fadadas a ficar para trás nessa corrida. E talvez seu fado seja o de nunca entenderem que estão em uma corrida, e o único jeito de seguir em frente é encarar desafios e obstáculos. Xumbreguinha estava sempre reclamando de como lhe faltaram oportunidades, e como outros tiveram sorte na vida. E eu sempre lhe fiz eco, achava injusto que ele se culpasse por não ter seguido em frente, e concordava com suas reclamações contra um “sistema” que eu também via como injusto.

Com o passar dos anos, Xumbreguinha ainda via os camaradas da turma da escola, e frequentava a casa de todos, quase como se fosse uma rotina. Geralmente, na hora do jantar ou do almoço, e ninguém se importava em convidá-lo para dividir um prato. Até que alguns dos amigos começaram a notar o sumiço de coisas depois dessas visitas. Um relógio que não era mais encontrado. Um perfume, retirado do armário do banheiro. Um pacote de mortadela da geladeira. Demorei a acreditar nessas histórias, até que, certa vez, dei por falta de 50 contos que estavam na minha carteira, que havia deixado em cima do criado-mudo do quarto. Bem numa dessas noites em que ele viera aproveitar uma janta na minha casa.

Achei melhor relevar. Ele vivia de contar moedas, e talvez fizesse isso de vez em quando, mas apenas para não se sentir um eterno mendigo. De fato, quando os camaradas diziam que era melhor confrontar Xumbrega, chamar para uma conversa, e falar para ele tomar jeito, eu interrompia e o defendia. Se ele precisava ser um ladrão, tudo bem, pelo menos era melhor do que ser mendigo. A diferença entre as duas categorias é que o primeiro ainda faz algo para conseguir o que quer. O mendigo só consegue implorar, e esperar pelo resultado. “Deixa estar,” eu dizia aos outros colegas, “que mal vai fazer? Ele não teve as mesmas oportunidades que a gente.”

Eu ainda não fazia ideia, mas aquela noite seria a última em que nos veríamos. Fui visitá-lo na sua casa. O restante da turma havia já se mudado do velho bairro, e eu, por

força do destino, seria o último a fazê-lo. Daí ter passado tanto tempo ainda convivendo com Xumbrega. Tentava ajudá-lo como pude. Nunca o vi com algo que não fosse um bico, algum trabalho de meio período, ocupando algumas horas por dia. Mas sempre o via no final das tardes tomando uma cerveja na padaria, e ia lá e pagava algumas para ele. Talvez não tivesse algo mais do que uns trocados no bolso, suas roupas vinham da caridade, conseguidas em algum bazar da igreja, e seus sapatos estavam sempre sujos e gastos. Eu deixava com ele coisas que não mais usava, roupas velhas, móveis usados.

Apertei a campainha por alguns minutos. Era noite de lua nova, e me peguei pensando porque tanta gente supersticiosa tem medo de noite de lua cheia. Por que teriam? Essas noites são iluminadas, pode-se ver uma centena de metros à frente. Mas em noites de lua nova a escuridão reina, e parece até que o mundo está prendendo a respiração, aguardando alguma coisa acontecer. Bati palmas, primeiro de leve, depois com um pouco mais de força. Já estava escuro, e a vizinhança recolhida em suas casas. A casa de Xumbreguinha ficava nos fundos, e na frente, haviam os restos de um jardim abandonado, transformado agora num depósito a céu aberto para sucata, caixas de papelão e restos de construção. Provavelmente coisas que ele pegava na vizinhança para revender. No passado ele tinha um cachorro, mas presumi que ele havia desistido de cuidar dele, dado a falta de latidos para me denunciar. A casa de tijolo aparente, algumas paredes caiadas, e o telhado de telhas vermelhas e laje concretada estava na imersa na escuridão, mas eu podia ver pelas janelas um brilho amarelo. Talvez estivesse sem energia elétrica, e Xumbreguinha havia acendido velas? Enfiei minha mão por entre as grades de madeira do portão, procurando o trinco.

Arrisquei chamar por ele. “Xumbrega, ô Xumbrega, está aí?” gritei, tentando mostrar alguma alegria. Mas já estava desconfiado de que havia sido uma escolha ruim ir lá naquela noite.

Uma figura apareceu na porta, e acenou para mim com um braço magrela, indicando que eu devia me aproximar. Mas não disse nada. Entrei. Fui caminhando lentamente, com o receio de pisar em falso naquele jardim abandonado, e podia ouvir cada passo que eu dava. Olhei fixamente para meu amigo, mas mesmo me aproximando mais e mais, seu rosto não ficava mais nítido. Tomei isso como um efeito da escuridão, a pobre luz amarelada do poste da rua já não podia ajudar muito. Pensei porquê ele não trazia consigo uma vela acesa, ou uma lanterna.

De súbito, a figura entrou novamente na casa.



Caminhei até a porta, e hesitei. Estava um breu, só podia ver algumas coisas no casebre. Havia luz, vindo de algum lugar mais adentro da casa, aquele amarelado de vela. Respirei fundo, e um cheiro de suor encardido me cumprimentou. Sempre fora um lugar simples, mas limpo, organizado. Dona Rosa, a mãe dele, se esmerava em manter o lugar assim. Talvez ele tivesse ficado desleixado depois dela falecer.

“Xumbrega?” chamei por ele, meus pés se recusando a avançar. Nem um pio de volta.

Criei coragem e entrei na pequena cozinha. Havia louça empilhada na pia, e objetos que não consegui identificar, largados pelo chão.

“Xumbrega?” perguntei de novo, criando coragem. Talvez estivesse doente, ou ferido? Queria ouvir sua voz, pelo menos, para descobrir onde ele estava.

“Aqui,” um sussurro brotou das entranhas da casa.

Fui andando, apalpando o caminho, dando mãos às paredes para que me guiassem. Meus pés tropeçavam, atrapalhados, ora em roupas velhas, ora em uma lata de cerveja vazia, ou algum outro cacareco largado no chão.

“Vem aqui,” a voz repetiu, como um sopro de vento balançando uma cortina. “Você sempre vem aqui”.

Atravessei o corredor, indo mais para os fundos da casa, onde ficava a sala de estar. Antes tinha sido um quarto, até a irmã mais velha do Xumbrega casar e se mudar de cidade.

“Você não me ajuda,” ouvi a voz novamente. Parei na entrada da sala de estar, iluminada por uma vela. Olhei ao redor, tentando achar meu amigo. Havia um velho sofá de três lugares, uma poltrona, caixas de papelão. Uma velha TV que eu tinha levado para ele. E apesar do espaço apertado, não conseguia vê-lo em lugar nenhum.

“Posso... acender a luz?” perguntei como um idiota, imaginado que meu amigo tivesse escolhido ficar no escuro sem motivo algum.

“Você não traz luz aqui,” ouvi como resposta. “Achei que trazia, mas não traz.”

“Eu – “, gaguejei, e então vi.

Ele se ergueu devagar, de trás do sofá. Estava enrolado em uma manta suja e rasgada. Magérrimo, os dedos finos e secos arranhavam a cobertura, os braços pareciam apenas ossos secos, envoltos em uma casca oleosa e suja. Olhou fixamente para mim, a boca meio aberta, respirando resfolegante. Parecia mais alto do que eu lembrava, e seus olhos brilhavam em amarelo e vermelho. Seu cabelo estava comprido, emaranhado,

parecia ter folhas e gravetos preso nele. Talvez fosse o choque daquela situação, mas vi algo mais. Projetando-se das laterais de seu rosto, um pouco acima das sobrancelhas, haviam mechas duras de cabelo, grossas e encaracoladas, curvando-se para cima e para trás.

Pareciam os chifres de um bode.

“Xumbreguinha, o que te aconteceu...?” a pergunta saiu arranhando pela minha boca, lutando contra o pavor para ser ouvida.

“Você sempre vinha aqui...” aquela criatura começou a falar, Deus me perdoe, mas já não era o meu amigo de infância que falava, e sim algo antigo, maligno. “Você dizia que era para me ajudar...”

“S-s-sim, eu sempre te ajudei, né?”, perguntei, “eu trazia coisas... coisas que você precisava, eu te defendia...” tentei articular, enquanto sentia a urina quente escorrer pela minha perna.

A criatura parecia ter se erguido totalmente, alta como uma árvore dentro da pequena sala. Por baixo da manta suja, podia ver um corpo esquelético, as costelas à vista.

“Eu era seu amigo...”, tentei concluir.

O ser que um dia fora Xumbrega me encarou, seus dentes tortos e pontudos brilhavam no escuro.

“Amigo... Você não era meu amigo. Você só queria alguém para fazer você se sentir importante. Você queria um bicho de estimação, para brincar e se divertir... Você queria um mendigo para dar esmola na frente dos outros, e fazer você achar que estava ajudando... Mas só enquanto eu estivesse... abaixo de você,” a voz sussurrante veio como uma lâmina fria, cortando minha espinha. Senti minha cabeça pesar.

O cheiro de encardido e urina era forte. Tateei procurando apoio nas paredes, e comecei a me afastar. Minhas pernas, desobedientes, pesavam como minha consciência. Pior que o horror da imagem à minha frente, era o peso da verdade que eu ouvia.

“Xumbrega, meu amigão, cara, me ouve — “ tentei pedir, uma última vez.

“Meu nome não é Xumbrega,” a criatura me interrompeu. “Eu sou...” e um nome saiu com um rosnado, enquanto avançava para cima de mim.

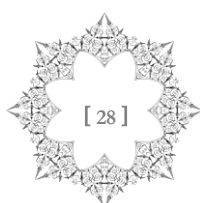
Minhas pernas esperaram esse julgamento final para retornarem a vida. Saí correndo, tropeçando e empurrando em coisas, fugindo pelo labirinto que era essa pequena casa. Sentia sua presença atrás de mim, uma respiração fria e fedorenta.

Atravessei o pequeno jardim abandonado de sucatas e caixas de papelão, e não parei antes de chegar na rua, e dali corri noite adentro, por horas.

Nunca mais retornei lá, e alguns meses depois, me mudei para outra cidade.

Isso foi há anos. Mas ainda lembro, e pondero sobre o que fiz com meu amigo. Minha amizade nada valeu, envenenada pela minha arrogância. Pobre Xumbreguinha. Em vez de ajudá-lo, só o impedi de crescer. Fiz do mundo dele uma cela. Em vez de defendê-lo, fiz dele um coitado. Cada ação minha engendrou a criatura que encarei aquela noite, e cujo nome, vindo da boca de meu amigo, mostrava o que ele acreditava ter se tornado.

“Eu sou Satanás.”





APRESENTAMOS O  
POEMA

# BRUXA MULHER

POR NEUZA CARVALHO MELO

NASCEU EM 1967, NA CIDADE DE XIQUE- XIQUE, NA BAHIA. ATUALMENTE, VIVE EM SÃO PAULO, COM MEU MARIDO E TRÊS FILHAS. É FORMADA PELA UNIVERSIDADE DE MOGI DAS CRUZES (UMC), NO CURSO DE HISTÓRIA, E LECIONOU NA REDE PÚBLICA DE ENSINO POR CERCA DE TRÊS DÉCADAS, NAS QUAIS DAVA AULAS PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES. HOJE, SE ENCONTRA APOSENTADA E PROCURA SE DEDICAR A SEUS HOBBIES, COMO LEITURA E, PRINCIPALMENTE, ESCREVER CONTOS E POEMAS DE FICÇÃO ESPECULATIVA, EXPLORANDO NARRATIVAS QUE MESCLAM FANTASIA E TERROR DENTRO DO CENÁRIO NACIONAL.

A bruxa é aquela que tem poder  
de ser e entender, de amar e enfeitiçar  
de criar e recriar, aprendendo sempre a amar  
amar as pessoas, a natureza e a beleza  
beleza subjetiva e inovadora  
capaz de criar e devastar  
corações com paixões

Quem sabe ser bruxa  
É feliz, está sempre amando  
Nunca está perdido  
somente fica refletindo  
os remédios que usam curam  
porque se trata de vibrações  
que fazem criar clarões  
de tamanha proposição  
que curam multidões

Somente a tristeza pode matá-las  
Tristeza que vem da pobreza  
de não deixá-las vivenciar a liberdade  
a natureza, a beleza e toda vaidade  
vinda de gloriosa ternura extraída da natureza

Que maldade seria,  
se todavia as bruxas desaparecessem  
De onde viria a beleza e o amor  
com ardor e prazer  
do aroma do alecrim, do hortelã  
da alfazema, da brisa do mar  
do cantar do sabiá, do rouxinol  
do exalar do café, debaixo do céu estrelado



sendo contado pela bela mulher  
de manto estrelado ou jens apertado

Pode ser também do bandolim  
ou mesmo do acordeão  
ou apenas do sussurro, falado ao pé do ouvido  
do marido ou namorado

Seja sempre bruxa, seja mulher  
encantada, enigmática, realista  
apaixonada, magnífica, enfeitada  
pura de alma, florida, ou apenas simples  
descalça, de biquíni, de blazer, de pijama  
a mulher já nasce extraordinária  
pois no momento que nasce  
as estrelas brilham e o Sol raia

Mas e os homens como ficam nesta história  
São encantados pelas sereias bruxas  
que amam e se fazem amar  
e como não ficariam encantados  
com tantas belezas raras  
negras, loiras, ruivas, japonesas  
são tantas misturas de pele  
são tantas diferenças de corpos  
são tantas almas sedutoras

Impossível não ser bruxa  
quando cozinhamos e temos tempero único  
mesmo copiando uma receita  
ou inventando a sua própria  
criando formas de criar filhos  
namorando, amando

lendo histórias ou fazendo histórias

Amar, ser, viver é ser bruxa  
Na antiguidade, na Idade Média  
No mundo atual  
O nosso poder é imenso  
E não precisamos de manual

Dizem que bruxa tem nariz longo  
e vestem vestidos rasgados  
Isto é despeito de quem não tem poder  
pra mudar o que é triste no alegre  
o feio no belo  
o pobre no rico  
a cura de todos os males

A bruxa lava, passa, cozinha, trabalha fora  
cuida das crianças e do lar  
Tem poder de se arrumar e esquecer  
o cansaço, estando radiante como as estrelas  
num passe de mágica  
Com roupa e maquiagem  
se transforma tirando o cansaço  
todo o ritual que o homem observa  
Imaginando como pode a  
gata borralheira se transformar  
na Cinderela, tão rápido quando necessário

O homem com uma gripe fica derrubado  
A mulher pode ter tudo, mas seu poder  
é tamanho que para cair  
só com tranquilizante  
e ao acordar com um sorriso já se torna bela

Como pode gerar um filho  
e em meio a sangue e placenta  
tamanha beleza raiar  
e sempre se iluminar

Sou mulher, sou bruxa, faço porção  
para os filhos que ficam tristes  
para o marido que está cansado  
para os amigos que precisam de conselho  
para as flores do jardim desabrochar  
para o mundo um lugar melhor se tornar

O dia que as bruxas morrerem  
o mundo morre também  
porque somos a mãe natureza, as estrelas  
E o Sol também

O melhor remédio que uma bruxa pode receitar  
é o amor em excesso  
e as vibrações de paz a exalar  
é amar os animais  
e a natureza imaginando os rios  
como o sangue de suas veias

Cada bruxa cria sua magia  
Cada magia tem florais e sininhos  
que são ouvidos por aqueles  
que acreditam na vida  
Naquela que é encantada  
com sons de canções  
com flores no cabelo  
unhas curtas ou compridas  
roupas rasgadas ou não

mas com muita paixão

Um dia uma bruxa me disse  
criei você para amar  
ser feliz e o mundo povoar  
não importa se com crianças  
ou amor

Só quero que seja feliz e  
cada gotinha de seu sorriso  
ou lágrima vai se transformar  
em uma nova realidade

realidade de amor  
Com muito ardor  
Repleto de bondade  
E sempre com muita vaidade  
Mesmo descalça  
ou muita arrumada  
A beleza está no sorriso  
ou nas palavras  
que se transformam jogadas ao léu  
Em estrelas iluminadas.





APRESENTAMOS O  
POEMA

# VAMPIRO, MESTRE SUGADOR

POR NEUZA CARVALHO MELO

NASCEU EM 1967, NA CIDADE DE XIQUE- XIQUE, NA BAHIA. ATUALMENTE, VIVE EM SÃO PAULO, COM MEU MARIDO E TRÊS FILHAS. É FORMADA PELA UNIVERSIDADE DE MOGI DAS CRUZES (UMC), NO CURSO DE HISTÓRIA, E LECIONOU NA REDE PÚBLICA DE ENSINO POR CERCA DE TRÊS DÉCADAS, NAS QUAIS DAVA AULAS PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES. HOJE, SE ENCONTRA APOSENTADA E PROCURA SE DEDICAR A SEUS HOBBIES, COMO LEITURA E, PRINCIPALMENTE, ESCREVER CONTOS E POEMAS DE FICÇÃO ESPECULATIVA, EXPLORANDO NARRATIVAS QUE MESCLAM FANTASIA E TERROR DENTRO DO CENÁRIO NACIONAL.



Murilo, jovem belo do interior, que em uma noite de farra,  
perdeu sua alma, para jovens macabros  
em uma boate de uma cidade grande, para onde Murilo foi  
com a bela namorada para festejar, sem se atentar,  
para os cuidados que lhe pediram os pais para tomar.

A princípio pensou que fossem amigos,  
e depois do bar, com eles voltou e a sua namorada o acompanhou  
Não imaginavam que na verdade a mata fossem adentrar e em  
um casebre fosse parar.

Quando chegaram no local, Murilo, que já não estava tão bêbado  
assustado ficou e sua namorada tremia, como se fosse morrer

Saíram do carro e Liliam, sua namorada se seu braço não soltava  
e a volta deles o grupo de três homens e uma mulher passaram a dançar  
Dança assustadora e presas começaram a mostrar.  
De dentro da cabana mais três homens e duas mulheres saíram  
e silvando como cobras prostraram a frente deles

Nem mesmo chegaram a perguntar o que eram eles, pois as presas  
já diziam tudo e tentaram correr, o que eles deixaram  
como forma de brincarem com as presas.

A primeira a se pega foi sua namorada que  
por dois teve as veias do pescoço arrancadas

Seu namorado teve mais sorte, se pode dizer que um  
morto vivo tem sorte, o deixaram viver, depois do seu sangue beber

Pode voltar para casa, pois não quis ficar com o bando  
que lhe avisou que com certeza mataria os pais e familiares  
mas era problema dele.

Iriam para outro lado e fariam um cruzeiro em um navio

mas Murilo sentia raiva do grupo que lhe tirou  
amor e vida

Foi para sua casa e para os pais da menina disse que está  
voltou antes e dela não sabia

Descobriu que podia imitar vozes e mudar a aparência  
o que fez com um telefonema para os pais  
onde disse que havia dito proposta de emprego  
e para longe seguiria.

Depois de um tempo, forjou um corpo com a aparência  
da menina para que os pais a acreditem morta  
e não mais a perseguissem, com telefonemas e cartas  
na esperança de um dia  
a terem novamente nos braços a filha perdida

Murilo no entanto não tinha mais paz  
se achava culpado e não se achava capaz  
de ficar sem beber sangue de humanos e ficar somente  
com o de animais.

No entanto resistiu e foi aprendendo a se controlar e  
A família e amigos não matar.

Aprendeu muito com os livros na biblioteca  
e noites mal dormidas, andando pela mata passava  
mas os familiares achavam que era a falta da namorada

Passou o tempo, só não passou a dor  
e todos imaginavam que a palidez era sofrimento  
por perda do amor

Mas com o passar do tempo nada melhorou  
Para que não suspeitassem  
maquiagem aprendeu a fazer  
para que pudesse dar a impressão de envelhecer.

Hoje depois de tantos anos  
já perdeu os pais e amigos  
para que não suspeitasse deu adeus ao lar  
e disse que iria viajar.

Voltou depois de um tempo como  
se fosse um primo do Murilo  
e assim pode novamente em sua casa morar  
e sua vida novamente retornar.

Quase não o viam na cidade  
e deixou que o imaginassem ermitão  
não ligavam para o que pensassem  
só queria viver na solidão

Nem mais queria vingança do grupo  
desgraçado  
que tirou sua vida e de sua namorada  
pensava só em viver até que um dia afinal  
fosse capaz de uma estaca colocar  
no próprio peito e assim morrer e não voltar

Não tinha coragem pra estaca no peito colocar  
e por isso ficava às margens do rio a sonhar  
e olhando as águas azuis ficou paralizado  
quando uma linda mulher parada estava às margens do outro  
lado, com lindas mechas loiras e olhos azuis como do lago

Ficaram a se olhar e de repente com um pulo ela pulou  
bem próximo ao seu lado  
Dizendo que vinha o observando já a um certo  
tempo e com ele e seu modo de vida ficado encantada

Neste momento Murilo saiu do seu torpor  
e lhe perguntou se era vampira também?  
Sou sim, a mas tempo que você com certeza  
pesquisei sua vida e percebo que muito triste está

Vou ser sincero e lhe afirmar  
que não sou feliz desde que perdi a vida e o amor  
para um grupo de vampiros  
que minha vida poupou

Este grupo é ruim e muita vida tirou  
mas não precisa se preocupar em se vingar  
meu clã deles já cuidou  
como disse a você  
uma pesquisa eu fiz sobre sua vida

E quem é você afinal?  
Sou uma vampira que nem a você  
nem a ninguém quero fazer mal  
Vivo já a muito tempo e não fui  
transformada. Nasci como vampira  
faço parte de um clã que já existe  
a muito tempo, temos uma bela jornada

Não transformamos pessoas e a nossa  
sede de sangue não é problema  
temos grande banco de sangue pra viver eternamente  
Somos uma população relativa e ajudando os hospitais  
montamos um e parte do sangue doado para o nosso clã vai

Fiquei entusiasmado e os olhos da bela mulher não pude tirar  
sabia que apaixonado estava começando a ficar  
Próximo da minha bela casa essa mulher estava a morar

Encontrávamos todos os dias  
sempre perto do rio, conversávamos de muita coisa  
principalmente sobre amor

Em um desses encontros nossos lábios  
se tocou, foi o beijo mais lindo  
que eu jamais pudesse imaginar que daria  
após a perda de Liliam

Beijei com muito ardor e pegando-a  
em meus braços, para a minha casa a levei  
fui direto para o quarto  
e em belos lençóis de cetim a coloquei  
Fiquei a olhar como se em sua alma eu pudesse penetrar  
o meu olhar ela sustentou e depois me beijou

Tirei sua roupa devagar e em meus braços  
ela passou a ronronar  
era como se nossos corpos tivessem se tornado um  
e muito tempo depois saímos da cama  
sabendo que não nos separaríamos outra vez

Tempo depois nos casamos e uma bela festa nós damos  
Viajei pelo mundo para seu povo conhecer  
e mesmo como vampiro  
sempre fico assustado,  
quando com os vampiros encontro  
mesmo sabendo que da família somos

Não quero ninguém transformar  
e ainda sinto-me culpado  
porque por minha culpa  
Liliam morreu



mas só posso dizer que o amor  
novamente floresceu  
graças a essa mulher de olhos azuis  
bela como uma flor de nome  
Jasmim.





APRESENTAMOS O  
POEMA

# LOBISOMEM, O HOMEM

POR NEUZA CARVALHO MELO

NASCEU EM 1967, NA CIDADE DE XIQUE- XIQUE, NA BAHIA. ATUALMENTE, VIVE EM SÃO PAULO, COM MEU MARIDO E TRÊS FILHAS. É FORMADA PELA UNIVERSIDADE DE MOGI DAS CRUZES (UMC), NO CURSO DE HISTÓRIA, E LECIONOU NA REDE PÚBLICA DE ENSINO POR CERCA DE TRÊS DÉCADAS, NAS QUAIS DAVA AULAS PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES. HOJE, SE ENCONTRA APOSENTADA E PROCURA SE DEDICAR A SEUS HOBBIES, COMO LEITURA E, PRINCIPALMENTE, ESCREVER CONTOS E POEMAS DE FICÇÃO ESPECULATIVA, EXPLORANDO NARRATIVAS QUE MESCLAM FANTASIA E TERROR DENTRO DO CENÁRIO NACIONAL.

Eduardo era bonito e simpático  
De família rica, isso era um fato  
A lua cheia o deixava apaixonado  
Era uma beleza, isso era outro fato  
A noite sozinho, vendo a lua brilhar  
não sabia o que procurar, pra realizar  
seus sonhos, que era uma amor encontrar

Certo dia em sua fazenda, uma bela jovem  
apareceu, perdida no caminho para a cidade  
de flor, como era chamada a cidade Lunar  
que todos que moravam, jamais pensavam em mudar

A moça era de tal formosura, que não não conseguia responder  
a pergunta que lhe fez, que era chegar a cidade por sua vez  
O senhor não fala?, lhe perguntou a formosura, balancei a cabeça  
Pois o sim, não saía de sua garganta.

Quando a moça se virou pra encontrar alguém,  
A voz lhe voltou a garganta e lhe disse o caminho a seguir

O caminho das pedras que circundava a estrada  
Seguiria o caminho e na primeira curva veria a cidade  
Cidade cheia de flor, com pássaros que cantavam  
e pareciam falar de amor

A moça agradeceu, mas também lhe perguntou, se um copo de água  
poderia lhe dar por favor

Com muito gosto, vamos entrando na casa  
A moça se encaminhou para a escada de beleza exuberante  
e na sala maravilhosa, uma criada atendeu prontamente  
trouxe água e suco, que a moça bebeu  
E pedindo licença para o carro praticamente correu

Não sabia porque correu tão depressa para o carro  
mas o moço tão amistoso, lhe despertava terror  
Entrou no carro e se afastou, pela estrada indicada  
e logo já estava, na cidade ensolarada, rodeada de flores  
E de energia exuberante, que lhe fez se distrair  
Do moço apaixonante

Chegou na pousada que iria ficar  
e esperou o quarto lhe mostrar  
Era magnífico, encantador  
Sabia que aqui poderia escrever  
E teria sua história pra contar, pois as ideias começavam a florir  
Seria sobre o homem bonito que conheceu  
e de sua casa correu

Ficou sabendo que todos na cidade, conheciam a família  
Santos Carvalho  
E Eduardo, o sedutor era querido por todos, inclusive as mulheres  
por quem despertava tanto amor

No dia seguinte tomando seu café  
no jardim da pousada notou  
belo carro que ali perto parou e de dentro  
do mesmo, Eduardo apeou  
Seu coração, disparou e seus olhares, cruzam  
fazendo Belinda desviar seu olhar  
do grande sedutor.

De um jeito maravilhoso pelo jardim adentrou  
na mesa de Melinda logo parou  
Sou Eduardo, se apresentou  
Ontem não deu tempo. para as apresentações

Espero não lhe ter assustado  
essa não era a intenção

Eu que peço desculpas  
pela saída grosseira, acho que estava cansada  
da viagem inteira

Eu sou Belinda, muito prazer  
E que honra vossa presença aqui vamos ter

Sou escritora e eu que agradeço por ter encontrado esta cidade  
maravilhosa e que já me deixou inspirada  
para escrever o romance  
que até então não tinha as ideias necessárias  
pra sair do papel

Fico honrado em saber e espero colaborar  
levando você para cidade conhecer  
Hoje estou de folga, e se quiser logo após  
seu café, podemos sair para conhecer  
a cidade que apesar de pequena, atrai tanta gente  
que nunca mais quer voltar  
não importa o lar

Dá para perceber. pois o pouco que conheci  
já estou inclinada a ficar  
pelo tempo que meu livro demorar  
Adoro flores e a cidade parece ser  
um jardim imenso  
que encanta e desperta o eu, deixando  
qualquer um maravilhado, por tê-la encontrado

Conheceu a cidade e por ela ficou encantada  
na volta para a pousada, outro caminho ele pegou

era o de sua fazenda, ele lhe falou  
Curiosa ficou de conhecer a fazenda, tão bela  
como uma linda flor

Conheceu a casa, que nunca imaginou  
pudesse ser tão glamourosa  
e tão grande como um castelo  
pudesse ser

No momento que a visita a sua casa acabou  
um café maravilhoso, com seus pais tomou

Após o café foi chamada para visitar o bosque e aceitou  
Foi maravilhoso passeio, que o cair da noite, nem notou  
E naquele bosque maravilhoso, uma lua cheia  
despontou e o moço que também não sabia  
lobisomen virou

Sabia que não podia aquela moça machucar e por  
isso começou a correr, para longe dela ficar  
a moça assustada até a casa andou e  
pelos pais do moço foi recebida com fervor  
Já foi contando que o moço de perto dela correu e ela não entendia  
porque ele se afastou

Os pais dele uma mentira contou  
sabiam que o filho, essa sina herdou  
do pai do menino e esse de seu avô  
O pai levou a garota pra pousada que agradecida ficou,  
e inspirada na história, a folha logo borrou com as primeiras palavras  
de amor e adoração, por aquele rapaz  
que não saía da cabeça, se transformou  
no personagem do livro que ia escrever  
e por isso, ele melhor gostaria de conhecer

Na noite seguinte, a moça veio procurar  
E lhe contando a história no quarto  
seus lábios se pôde beijar, e pode sair com toda a aprovação  
para os braços da moça que tornaria sua paixão

Mesmo descobrindo que um lobisomem ele poderia  
virar, só sabia que seu coração  
não conseguia parr de bater tão rápido pelo moço, que lobisomen virou  
mas era mais lindo  
que qualquer outro moço que por perto chegou

Foi inspirada o romance a escrever  
E apaixonada tornou-se não  
só pela cidade, mas pelo lobisomem, que seu marido virou  
Foi o casamento mais lindo  
que um dia sonhou e meses depois  
talvez um lobisomenzinho, na tradição tornou  
para uma bela mulher um dia encontrar  
e sob a luz do luar poder beijar





APRESENTAMOS O  
CONTO

# TIUÁTÓÇUNTÓT UMA LENDA DO CERRADO

POR NEY ALENCAR

NATURAL DE RECIFE-PE. RADICADO EM OSASCO DESDE 2013. PROFESSOR, PINTOR E PSICOPEDAGOGO. MEMBRO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DE LITERATURA BRASILEIRA Nº 0596. POSSUI 136 CONTOS PUBLICADOS EM 35 E-BOOKS E EM 45 ANTOLOGIAS. POSSUI 03 ROMANCES PUBLICADOS.

1905. Fins das terras da Fazenda Palmeiral.

O velho índio Ayê Kamará levantou a cabeça e olhou para o rosto queimado de sol de Joaquim, o filho do Coronel Vicente Nunes, dono daquelas terras todas.

Seus lábios proferiram aquela palavra tabu que seu povo evitava:

— Tiúátóçuntót!

O rosto do rapaz afogueou-se. Não esperava ouvir aquele nome.

Olhou para o corpo do grande touro, o pescoço quebrado e a boca escancarada, ensanguentada, oca como um buraco preto, faltando a língua.

Não era a primeira rês que encontravam assim.

Aquilo vinha acontecendo de tempos em tempos já, desde anos atrás quando o pai de seu pai viera para aquelas paragens.

Agora, no entanto, a besta estava se tornando mais afoita, mais confiante e atrevida, entrando mais nas terras da fazenda.

Antes eram só as reses que passavam para lá das marcas dos limites da Serra da Jiboia Grande que a besta caçava, agora já chegara até ali.

Olhou em volta, o fim de tarde já caía, as sombras se alongavam e a escuridão tomava conta dos pastios como um manto negro.

Teoró, o outro índio Kayapó que o acompanhava, o corpo todo pintado de listras e símbolos esquisitos, balançou a cabeça e armou o arco, amedrontado.

O canto solitário de uma seriema ondulou pelos campos, um bacurau gritou mais longe e garças revoaram sobre a terra pantanosa perto do horizonte, nos limites da fazenda.

Joaquim quis armar acampamento ali mesmo, para ver se pegava o bicho ladrão de línguas.

Os dois índios se opuseram.

Kamará argumentou que era bicho grande e perigoso e que não tinham armas para caçar ele.

Joaquim mostrou a espingarda recém ganha do tio que a trouxera do estrangeiro, luzindo de nova.

Era arma mais que suficiente para dar cabo de onças e lobos guarás, podia dar cabo daquele bicho também.

Teoró não queria ficar ali, era medroso, mas acatou a ordem do patrãozinho.

Fizeram fogueira e carnearam uma espádua do touro morto para assar.

O brilho do fogo se espalhou como um farol na noite escura e sem lua.

Pelos pastos cantavam curiangos e cajaguréus escondidos nos matos.

Joaquim prendeu o cavalo numa árvore próxima.

O bicho estava assustado e não parava quieto.

Ficaram acordados até não poderem mais, contando histórias e causos para matar o tempo.

O velho Kamará conhecia tantas, já palmilhara as terras desde o Chapadão das Sete Cidades até os fins dos pantanais do Éden, bem ao sul.

Subira e descera a famosa e assombrada Serra da Jiboia Grande, local de aparições sinistras de lobisomens e até curupira havia por lá.

A noite subiu alta enquanto se contavam os contos de trancoso, até que veio o sono e foram dormir.

Não carecia de deixar vigia, disse Kamará, se o bicho viesse ia pegar o cavalo primeiro e eles iam acordar, portanto foram dormir.

Foi dito e feito!

Na madrugada fria, quando as mães da lua cantavam seu canto agourento, eles foram acordados pelos relinchos assustados do cavalo.

O bicho pulava e escoiceava tentando se livrar dos arreios que o prendiam.

Joaquim ainda estava meio dormindo, quando viu uma sombra grande que saiu da mata e correu para o cavalo.

Procurou a espingarda, mas nem deu tempo.

O bicho era grande, corpo de homem peludo, braços compridos e mãos largas, unhas pretas.

Não viu o rosto, mas se visse diria que era um bruto, um macaco grande ou coisa que o valha.

O bicho cercou o cavalo e num passo deu um murro na cabeça do animal que o prostrou no chão, depois acocorou-se do lado da cabeça, abriu a boca do cavalo ainda vivo e puxou a língua para fora, arrancando-a de uma vez, e comendo-a com sofreguidão como se fosse o melhor dos manjares.

Foi uma sangueira só!

Joaquim ficou branco de medo.

Nesse momento Teoró deu um soluço e o bicho olhou para ele.

Até então não havia sequer notado os três homens, como se nem estivessem ali.

Mas quando o viu parou de mastigar e soltou um urro baixo que arrepiou os homens dos pés à cabeça.

Joaquim manuseou a espingarda e a apontou para a besta, mas antes que pudesse atirar o bicho deu um pulo, agarrou Teoró e pulou para a escuridão.

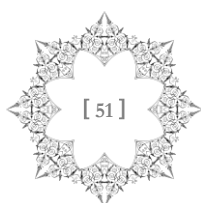
Paralisados de medo Joaquim e Kamará ficaram ouvindo os gritos de desespero do índio enquanto sumia noite adentro carregado pela besta.

Dele nunca mais se ouviu falar.

Fizeram buscas nos dias que se seguiram, mas nem o índio, nem o corpo, nem o bicho foram vistos por ali novamente.

Passou-se um tempo, e de novo em outro verão mais seco, algumas reses que passaram os limites da fazenda foram encontradas mortas e sem língua.

Diz-se que até hoje naquela região os índios Kayapó e o povo da Fazenda Palmeiral contam a história do Arranca-Língua!







APRESENTAMOS O  
CONTO

# ANIKUGE

POR NEY ALENCAR

NATURAL DE RECIFE-PE. RADICADO EM OSASCO DESDE 2013. PROFESSOR, PINTOR E PSICOPEDAGOGO. MEMBRO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DE LITERATURA BRASILEIRA Nº 0596. POSSUI 136 CONTOS PUBLICADOS EM 35 E-BOOKS E EM 45 ANTOLOGIAS. POSSUI 03 ROMANCES PUBLICADOS.

“Ouvi, meu pai, ó ouvi a história do medo,  
Que corre pela mata assustada,  
É o homem feroz que vem aí,  
Ouvi, meu pai, ouvi a lenda do Capelobo!”

Canção de Caxiúna

1900. Margens do Rio Suyá-Missu. Alto Xingu.

**S**erétundá saiu de dentro da mata bem devagar, com o grande arco retesado e a flecha na ponta dos dedos firmes.

O ar que vinha do rio estava parado. Um urutau cantou longe.

Olhou as pegadas da onça, grandes como sua mão aberta, um arrepio de medo passou por ele, era um bicho grande, das maiores que já encontrara.

A pele seria um ótimo presente para Ipiapá, agora que ela estava esperando criança as noites ficavam mais frias e o vento da mata era inclemente.

O mato ao seu lado abriu-se de repente e um cachorro esguio e magro bateu pernas ao seu redor. Parou e olhou o índio como se esperasse alguma coisa.

Itatupé era um bom caçador!

O único da ninhada que sobrevivera às onças e aos tamanduás, sem falar das cobras.

Era valente e leal.

Serétundá passou a mão na cabeça do cão e sorriu. O bicho sentou-se perto dele.

Esperaram.

Minutos depois Zangutá surgiu mais adiante. O outro índio Kalapalo trazia o arco abaixado. Relaxado.

Aproximou-se e trocaram algumas palavras sussurradas. Iam seguir a pista da onça.

Andaram pela areia branca das barrancas do rio com cuidado.

Prestaram atenção nas pegadas que corriam à frente deles.

Já era final de tarde e precisavam alcançar o bicho antes de anoitecer, senão ela sumia e não pegavam mais.

A noite na mata ela poderia andar muitos quilômetros e quando viesse a manhã estaria longe já.

De noite não convinha segui-la, era perigoso. Aquela parte da mata era moradia de muitas coisas ruins.

De dia estavam a salvo, mas de noite iam ter que dormir em cima das árvores por causa dos outros bichos que passavam por ali, lobos guarás, queixadas e outras coisas mais perigosas.

Serétundá viu que as pegadas mudaram de rumo. Encontraram alguma coisa ali!

Havia marcas redondas grandes que se interpunham entre as da onça, que se desviavam e recuavam para a mata logo adiante. As estranhas marcas às seguiam de perto.

Os dois caçadores olharam-se sem entender o que havia acontecido ali.

A onça encontrara outro bicho e fugira dele! Não era coisa normal!

O bicho a perseguira para dentro da mata.

Os caçadores seguiram as pegadas e entraram pelo arvoredado já escurecido pelo pôr do sol.

Ali depararam-se com uma cena hedionda!

O corpo da onça estava caído, a garganta rasgada, mas o que mais os amedrontou foi o buraco horrendo aberto na cabeça do bicho.

Serétundá aproximou-se e sentiu um odor acre muito forte e nauseabundo, um cheiro estranho que não conhecia, que pairava sobre o corpo. Itajupé deu um ganido de medo e afastou-se.

Isso não o fez recuar. Viu as marcas redondas circundando o corpo.

Olhou o buraco e horrorizou-se, fosse o que fosse que matara a onça, havia furado sua cabeça e se alimentado do cérebro do pobre animal.

O índio parou por um momento.

Algo ali o lembrou das histórias de assombração que o avô contava nas noites de verão dentro da grande oca, quando a lua nova deixava a floresta mais escura e perigosa.

Um nome lhe veio à lembrança, AniKuge!

Zangutá puxou-o pelo braço para se afastarem dali. Não! Ele queria a pele. Era presente para Ipiapá.

O bicho estranho havia morto a onça, mas a pele estava boa e ele iria leva-la.

Tirou a faca da cintura e começou a esfolar a onça.

A tarefa tomou-lhe algum tempo precioso e quando terminou a noite já caíra por completo sobre a mata. Uma mãe da lua cantou longe e os ecos eram como um augúrio sinistro. Um uirapuru cantou mais perto, fantasmal!



Zangutá fizera uma fogueira pequena, para afastar as trevas pesadas que insistiam em afoga-los.

Assaram um pedaço da onça e comeram. Itajupé esbaldou-se com os pedaços de carne gorda.

Depois procuraram árvores altas para amarrarem as redes e dormirem. Itajupé ficaria no chão, não era adepto de dormir em árvores.

Subiram e deitaram-se. Serétundá olhou o céu estrelado por entre as copas das árvores, a lua estava gorda naquela noite e o luar iluminava a mata com seu clarão fantasmal.

De madrugada Serétundá foi acordado pelos latidos e ganidos do cão. Olhou para baixo com cuidado para não fazer barulho, as cinzas da fogueira ainda não estavam apagadas, conseguiu distinguir a forma do cão abaixado perto das cinzas, tremendo de medo.

Havia alguma coisa ali, alguma coisa grande! Podia ouvir a respiração pesada no silêncio assombrado.

Súbito um grito medonho ecoou pela mata, um som tão hediondo que arrepiou Serétundá de tal forma que se não estivesse firmemente agarrado à rede teria caído.

Ouviu um baque e soube que Zangutá havia caído de sua rede.

O bicho bufou, roncou e Serétundá ouviu o ganido alto do cão pela última vez seguido pelo som horrendo de ossos partidos e o barulho de algo que sugava e chupava.

Do alto da árvore ouviu o soluço alto de Zangutá próximo ao tronco.

E então o bicho veio para perto da fogueira e Serétundá pode vê-lo, o corpo de homem era peludo, a cabeça era como a de um tamanduá, com focinho longo e avermelhado pelo sangue do cão, as mãos grandes tinham garras longas e os pés eram arredondados, como as marcas que vira ao redor do corpo da onça.

Foi aquele bicho que a matara e devorara seu cérebro!

Depois ouviu uma correria e um baque, um som de luta no chão da mata.

A voz de Zangutá pedia socorro, esganiçada de medo, mas Serétundá estava paralisado de medo no alto da árvore, não conseguia se mexer, suas mãos e seus braços não lhe obedeciam.

O caçador, horrorizado sabia o que ia acontecer com o outro, sabia o fim que o amigo teria, mesmo assim não era capaz de fazer nada.

O horror que o avassalou foi tremendo.

Fechou os olhos e tapou os ouvidos, mesmo assim ainda ouvia os gritos de Zangutá.

Até que se calaram!

O silêncio que se seguiu foi a pior parte, ele não sabia o que o bicho estava fazendo.

O tempo se arrastou pela madrugada.

Serétundá agarrou-se à rede e ao tronco e ficou o mais quieto que pode.

O fedor do bicho era muito forte e lhe dava náuseas e fazia sua cabeça rodar.

Mesmo assim ele esperou até que o sol nasceu.

Quando os raios mornos desceram pelos buracos nas copas e iluminaram o chão da mata o índio viu que o bicho havia ido embora.

Desceu com cuidado e olhou ao redor.

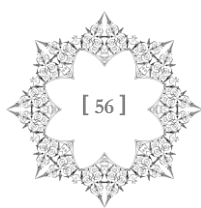
O corpo do cão estava jogado de lado, a cabeça aberta e os olhos esbugalhados.

O corpo de Zangutá estava mais adiante, encostado no tronco, os olhos mortos o fitavam com um olhar de culpa!

Serétundá desviou os olhos, pegou a pele de onça e correu!

Fugiu com todas as suas forças.

Agora ele sabia que as histórias do avô eram verdadeiras, porque havia encontrado o Capelobo!





APRESENTAMOS O  
CONTO

# ALMA MORTA

POR NEY ALENCAR

NATURAL DE RECIFE-PE. RADICADO EM OSASCO DESDE 2013. PROFESSOR, PINTOR E PSICOPEDAGOGO. MEMBRO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DE LITERATURA BRASILEIRA Nº 0596. POSSUI 136 CONTOS PUBLICADOS EM 35 E-BOOKS E EM 45 ANTOLOGIAS. POSSUI 03 ROMANCES PUBLICADOS.

**P**osso apenas indicar que o medo foi a chave que abriu a porta pela qual a coisa veio para este mundo!

Não era uma coisa viva, nem mesmo feita da mesma matéria que os homens.

Era uma coisa morta! E sua matéria era aquela da qual eram feitos os pesadelos.

E mesmo assim ela se alimentava do medo que infundia naqueles que a viam ou sentiam sua presença.

E estava sempre faminta! Era como um grande Papão, como na época em que os papões ainda residiam apenas nos contos de fadas.

No início habitava apenas as trevas e os lugares escuros e mais afastados onde a luz não ia, nem a da lua nem a do sol.

E fazia escaramuças nas estradas vazias ao redor durante as horas mortas da madrugada, para pegar os incautos e viajantes imprecisos e alimentava-se de seu medo, assustando-os e aterrorizando-os até a morte inglória sobrevir.

Mas o que obtinha era pouco, apenas uma nesga de medo, retalhos de assombro e terror que sequer serviam para matar sua fome.

E às vezes ela saía da escuridão e olhava para a lua e desejava voltar para o lugar de onde viera!

Sua fome a deixava mais afoita e atrevida e foi se aproximando mais das casas dos homens e de suas cidades iluminadas.

Veio para as florestas e passou a assombrá-las com suas formas fantasmais e seus gritos horripilantes que faziam beirar o próprio horror!

Mas também ali o alimento era escasso, porque os homens, passando a temer a escuridão das matas, cortavam-nas e ateavam fogo à elas.

Foi então que a coisa saiu da mata, em uma noite sem lua, pulando pelos interstícios entre o tempo e o espaço, e veio para uma casa abandonada no subúrbio de uma das grandes cidades iluminadas.

Ali o alimento era mais abundante, porém nunca suficiente, pois o medo brota como uma erva daninha no meio dos homens e eles o adubam com suas mentes férteis e cobiçosas e o regam com as lágrimas de sua ganância e de seus pecados.

A coisa se alimentou do medo que crescia como o trigo, mas não ficou gorda, antes emagreceu e definhou, porque aquele era o medo que os homens tinham das coisas

mundanas e do tempo, seu algoz, da miséria e da pobreza, não era o medo do horror, o medo sobrenatural que lhe servia como alimento.

Ela definhou e se consumiu naquela casa abandonada e percebeu que os homens eram maus e perversos e que o medo que guardavam dentro de seus corações impuros era um veneno mortal!

E às vezes, em noites sem lua, ela saía da casa e caminhava pelas ruas desertas, mas não escuras, gritando aos homens como eram perversos e tolos por guardarem aquele medo em seus corações como se fosse seu maior tesouro.

Os homens, porém, ouviam apenas o ciciar do vento forte que redemoinhava pelas ruas e não escutavam suas palavras.

Uma noite, mais escura e fria do que as demais, a coisa subiu os degraus da velha igreja, que os homens já não frequentavam, e com timidez, mas ainda faminta, entrou pela grande porta de madeira negra. A igreja estava escura e silenciosa.

A coisa caminhou pela nave e sentou-se nos bancos, olhou os vitrais que brilhavam na luz da lua em uma miríade de cores cintilantes, e afinal sentou-se nos degraus em frente ao altar.

O velho pároco, que acordara com o vento que abria a porta e redemoinhava pelo interior da igreja, viu a fantasmal aparição ali sentada.

E olhou seu semblante triste e faminto, e sentou-se ao seu lado.

Perguntou-lhe o que a trazia ali.

A coisa o olhou nos olhos, os primeiros olhos de homem que não a olhavam com horror ou terror, mas apenas com piedade, e contou-lhe.

Disse-lhe como viera parar ali, através daquela porta de medo e horror que lhe fora aberta e da fome insaciável que sentia, e do medo que era seu alimento.

Depois falou dos homens e daquele medo venenoso que guardavam em seus corações, e que não lhe servia como alimento. Por isso estava tão faminta!

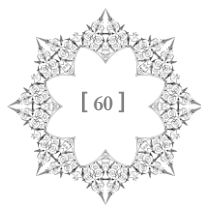
Aquele era um lugar ruim, confidenciou a coisa ao pároco, e queria voltar para o lugar de onde viera!

O pároco olhou dentro dos olhos horrendos da coisa e viu apenas a vontade de retornar para seu lar e orou por ela.

E sua prece foi ouvida, porque naquele instante a lua fez seus raios descerem pelos vitrais e abrirem uma porta de luzes coloridas e assombramento ao pé do altar.

A coisa agradeceu ao pároco e atravessou a porta, que se fechou atrás dela com um sussurro.

O Pároco, porém, teve um vislumbre por entre o vão daquela porta fantasmal, e chorou, porque viu o Paraíso!



APRESENTAMOS O  
CONTO

# OSVANDIR E A MULHER DE PRETO DE OURO BRANCO

POR OSVANDIR

MANOEL FERREIRA DO AMARAL, BRASILEIRO, CASADO, 10 LIVROS OU E-BOOKS PUBLICADOS, PERTENCEU A ACADEMIA DIVINOPOLITANA DE LETRAS, CADEIRA 8 - MONTEIRO LOBATO.



*"Pela Estrada Real e seus descaminhos o suor correu,  
o sangue correu e o ouro escoou a caminho da Europa."*

*(Instituto Estrada Real)*

## **Capítulo I**

### **Ouro Branco**

Numa aventura anterior, em 1999, Osvandir esteve em Ouro Preto e encontrou a Mulher de Branco, passou um susto danado.

Agora ele resolveu visitar a cidade de Ouro Branco, também em Minas Gerais.

Perguntou na Prefeitura a origem do nome Ouro Branco e um funcionário informou que o ouro de cor amarela, natural claro, produzida pelo metal paládio a ele associado, é denominado de "Ouro Branco".

Ficou instalado, provisoriamente, no Hotel Mirante da Serra.

Resolveu ver uma velha gameleira que segunda a história, foi onde ficou exposta a perna direita de Tiradentes. Sentiu os pelos dos braços arrepiarem quando chegou perto.

Ali na Estrada Real, viveu o momento onde o Governo do Estado mandou distribuir várias partes do corpo de Tiradentes, colocando-os onde ele mais frequentava.

Saindo deste caso tenebroso foi para o Hotel, nem teve coragem para almoçar. Tomou apenas um café.

Ao sair, o porteiro disse-lhe que tinha um recado de uma mulher muito bonita. Eis o que estava escrito naquele papel amarelado pelo tempo: "Venha encontrar-me na Capela de Nossa Senhora Mãe dos Homens".

Reparou bem no papel e notou que o bilhete fora escrito com uma velha caneta-tinteiro, com tinta azul. Achou aquilo meio estranho, por que hoje em dia ninguém escreve mais com estas canetas.

Deixou de pensar no pior, a caneta poderia ser a famosa Mont Blanc. Nada de terrorífico, coisa de gente fina.

Queria mesmo conhecer a Capela de Nossa Senhora Mãe dos Homens, bem antiga. Pegou o carro e deu umas voltas pela cidade, pensou melhor e voltou ao Hotel para almoçar.

Quando o relógio da matriz bateu doze badaladas ele levantou-se repentinamente, nem tinha almoçado direito e foi ao encontro da misteriosa mulher.

De longe ele pode notar na porta da Capela uma mulher vestida de preto.

Agora ele estava metido em encrenca muito pior do que a Mulher de Branco de Ouro Preto.

Ao aproximar o veículo, notou que ele era muito magra, tipo modelo profissional, com uns vinte e cinco anos aproximadamente. Muito bonita, cabelos negros e um batom vermelho muito forte. Rosto um pouco pálido.

— Olá meu jovem, — disse ela logo aproximando de Osvandir.

— Como vai? Qual o objetivo deste convite tão especial?

— Você não queria conhecer Ouro Branco? Deixa comigo. Meu pai é proprietário de umas terras próximo da Fazenda Carreiras, na Estrada Real.

— Ouvi falar que hoje haverá uma balada... — nem bem Osvandir, completara a frase, aquela linda mulher foi dizendo:

— Eu sei onde é, poderemos ir. Vou te mostrar o local e à noite estarei a sua espera lá.

Despreocupado Osvandir voltou para o Hotel; mas e nome da moça? Ele nem perguntou. Procurou o porteiro do hotel, ele também não sabia o nome da mulher.

## OSVANDIR E A MULHER DE PRETO II

### Capítulo II

#### A Mulher de Preto

— Onde fica a Fazenda Carreiras? — quis saber Osvandir.

O rapaz do hotel informou que é onde está localizada a Casa de Tiradentes, na Estrada Real. Ele achou tudo aquilo meio estranho.

Jantou pouco e tirou uma soneca. Acordou sobressaltado, olhou o relógio; era quase meia-noite. Vestiu a sua roupa preferida e foi até o local da festa.

Quando colocou o pé no primeiro degrau da casa noturna, o sino da matriz deu a primeira badalada e seguiu até as doze, aí ele viu em sua frente aquela adorável desconhecida, toda de preto e um lindo colar de pérolas no pescoço. O tecido de seu vestido parecia tão fino que ele tinha a impressão que ela voava.

Durante a festa ao aproximar-se de seu rosto para beijá-la ele notou uma corrente de ar frio, como se tivesse aberto a porta de uma geladeira.

Resolveu afastar-se e deixar o beijo para mais tarde.

— Vamos até a minha casa? Poderá ficar por lá, se desejar, — disse a Mulher de Preto.

Osvandir não teve alternativa e seguiu os passos dela. Saíram da cidade, passaram pela casa de Tiradentes e logo a seguir entraram por uma estrada de terra, estreita e esburacada. Lá longe uma luz diferente, parecia de lampião.

Viu alguns homens indo para o trabalho, com grandes chapelões e calças de algodão grosso. Não resistindo à curiosidade perguntou:

— Onde vão estes trabalhadores, que mais parecem do século passado?

— São escravos do meu pai, vão para colheita de café. — Escravos? Como assim? — Aqui ainda tem escravos, você não sabia?

— Não! Mas e a Lei da Princesa Isabel?

— Saiu no mês passado, ainda não deu tempo de demitir todo mundo e alguns resolveram ficar por aqui mesmo...

— ????

Osvandir fez uma cara de espanto e resolveu encerrar o assunto por ali mesmo. Não estava entendendo mais nada.

Deixou a linda dama de preto na porta da fazenda, que parecia muito antiga, com aquelas janelas de madeira pintadas de azul e as paredes muito brancas.

Depois de andar por alguns minutos, parou o carro lá no alto e olhou para trás e tudo parecia ir desaparecendo, a luz de lampião apagou-se, as cercas do curral foram todas caindo, a casa foi ficando cada vez mais em estado de ruínas.

Sem entender nada ele correu para o hotel. Não conseguiu dormir nada, também já era dia e o sol nascera lindo por trás dos montes. No outro dia, muito curioso, Osvandir resolveu voltar ao local da fazenda.

O que viu foram apenas ruínas e próximo de uma árvore de gameleira, já de galhos secos; um pequeno cemitério cercado de pedras cobertas de musgo. Não entrou, mas do lado de fora mesmo pode notar que lá havia três túmulos em destaque: dois maiores com nome de um homem e outro de mulher, falecidos em 1890 e 1891, no centro, um menor, com uma estátua de anjo, já sem asas. O nome que conseguiu ler com muita dificuldade foi: Angelina da Cruz, tendo como data de nascimento 1865 e falecida em 1901.

O pior estava por acontecer! Quando chegou ao hotel, um pouco assustado, o porteiro veio logo com um novo bilhete.

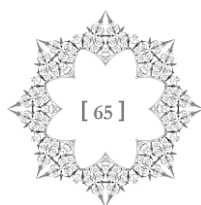
— Olha aqui Osvandir, aquela mulher esteve aqui de novo e deixou este recado para o você. Tomei a liberdade de perguntar-lhe o nome e ela respondeu que era Angelina.

Osvandir quase caiu de costas. Encostou-se na parede, depois assentou-se. Pediu um copo d'água. Não estava parando em pé. Ficou por ali por um bom tempo até recuperar-se do grande susto.

Abriu o papel, que parecia mais velho ainda que o primeiro e leu:

*"Osvandir, desculpe-me se te assustei. Esqueci o colar de pérolas no seu carro. Pode deixá-lo aos pés da Santa da Capela de Nossa Senhora Mãe dos Homens. Angelina".*

O mais estranho foi a data que encontrou no bilhete, logo após a assinatura: 18 de junho de 1888.



APRESENTAMOS O  
CONTO

# UM GRITO NO ESCURO

POR ROBERTO SCHIMA

NETO DE JAPONESES, NASCIDO A 01/02/1961. AGRACIADO COM O PRÊMIO JERÔNIMO MONTEIRO, PROMOVIDO PELA ISAAC ASIMOV MAGAZINE (ED. RECORD) PELA HISTÓRIA COMO A NEVE DE MAIO. CONTEMPLADO NOS CONCURSOS OS VIAJANTES DO TEMPO E OS TRÊS MELHORES CONTOS, AMBOS PELA CONEXÃO LITERATURA, COM A QUAL COLABORA DESDE O N° 37. ESCREVEU: LIMBOGRAPHIA, SOB AS FOLHAS DO OCASO, CINZA NO CÉU, ERA UMA VEZ UM OUTONO ETC. PARTICIPOU DE 157 ANTOLOGIAS. O CONTO AO TEU DISPOR FOI PREMIADO NA ANTOLOGIA CROCITAR DE LENORE (ED. MORSE). [RSCHIMA@BOL.COM.BR](mailto:RSCHIMA@BOL.COM.BR).

A vida seguia seu curso.  
 O sol terminara de se pôr no horizonte.  
 A folhagem de bambu farfalhava suavemente sob a brisa.

Por entre as paredes de papel laqueado, as mãos de Kai tremiam incontrolavelmente.

Sua filha, Taue, trouxe-lhe um pouco de chá verde e percebeu que não eram somente as mãos, mas o corpo todo do homem sob seus trajes de pescador que também tiritava. Mas estava quente na província de Oita e os mosquitos não davam trégua. Tampouco o intratável *daimio* Hagiwara encontrava-se mais entre os vivos. "Felizmente, os *kamis* da escuridão levaram-no para o lugar onde somente os detestáveis habitam", pensou ela, aliviada. Então, de que seu pai sentia tanto medo? *Ronins*?

— Papai, o que aconteceu?

O velho sorveu lentamente o chá, por pouco não o derrubando sobre o *tatami*. Ele fitava-a sem a ver. Era como se ainda estivesse longe, em algum lugar que somente ele via e revia em sua mente.

— Hagiwara-sama! — balbuciou enfim. — Eu ouvi seus gritos!

Taue ficou confusa.

— Não pode ser, papai. Nosso *daimio* morreu há duas luas. Houve as cerimônias...

— Eu sei, eu sei, minha filha. Mas os gritos aos quais me refiro... Oh, Senhor! — Fez o sinal da cruz discretamente, pois, embora o falecido senhor feudal tolerasse os jesuítas e até tornara-se cristão por conveniência política, o Imperador proibira a religião estrangeira em solo japonês. — Eles vieram do sepulcro!

— O quê? — falou a moça em tom mais alto do que pretendia.

As chamas das lamparinas agitaram-se e, então, o interior da casa simples de madeira, bambu e papel deu a impressão de realçar suas sombras e cantos escuros. Sobre uma mesinha baixa, os três macacos sábios, esculpidos em madeira fitavam-nos: Mizaru, Kikazaru, Iwazaru.

Taue, a exemplo do pai, começou a tremer. Desde pequenina, fora assombrada pelas histórias de *yureei*, os horrendos fantasmas japoneses.

O jantar de arroz, peixe e legumes cozidos mal foi tocado.

O *daimio* deveria ter sido cremado, conforme a tradição.

Agora, seu espírito sem descanso, descanso não daria.

\*\*\*

Hagiwara-sama, *daimio* da província de Oita, era o senhor de todas aquelas terras e daqueles que nela habitavam: sua esposa, suas concubinas, seus filhos, seus vassalos, seus samurais, lavradores e pescadores. Era um senhor feudal implacável e particularmente cruel para com seus servos. Dizia-se a boca pequena que gostava de experimentar o fio de uma nova *katana* no pescoço de um homem que o desagradasse tanto quanto usava seu pequeno punhal de carne em uma nova criada pela qual se encantasse.

Os mais humildes viviam sempre, como seria de se esperar, em constante estado de temor, como se já não bastassem os vulcões, os terremotos, os tufões e as sangrentas guerras entre os senhores feudais.

Todavia, até o poderoso *daimio* tinha seus medos, por mais que escondesse sob as inúmeras máscaras que um homem civilizado deveria manter. Quando criança e sob o rígido controle de seu pai, sofrera punições atrozés à menor falta, ao que o soberano justificava dizendo:

— A melhor *katana* é aquela cujo aço o ferreiro forja e dobra mais vezes.

Um dos castigos prediletos que ele aplicava consistia em trancafiar o futuro *daimio* em uma caixa de madeira durante o dia inteiro, às vezes mais, a fim de que assimilasse o valor da paciência e a não temer os *kamis* das trevas. Em verdade, porém, o que o jovem Hagiwara aprendera fora a odiar seu pai acima de todas as coisas e a desenvolver um pavor doentio pela escuridão e por lugares apertados.

Após a morte do velho soberano — cujas circunstâncias foram cercadas de mistério — Hagiwara-sama, filho de uma das concubinas, assumira o seu posto de *daimio* ao eliminar seu meio-irmão e a viúva do pai. A partir de então, dotado do poder de vida e morte sobre os demais, aplicara-o de forma generosa, conforme o soprar dos ventos de sua personalidade, mandando matar, assassinando pessoalmente ou ordenando que cometesse *seppuku*. Construía um castelo especial para si, cujo interior era bastante amplo e sempre bem iluminado, inclusive à noite, por lamparinas, fogueiras e archotes, cujas luzes mantinham afastados seus fantasmas pessoais.

\*\*\*



Entre suas criadas, havia uma mulher de meia idade chamada Hime. Era particularmente maltratada por ele, a qual chamava por nomes feios, sendo *baka* o mais comum. O porquê dele nunca se haver livrado dela era algo que a própria Hime não entendia. Talvez desse ao *daimio* alguma satisfação mantê-la por perto e ter a quem xingar regularmente. Ela a tudo suportava estoicamente pelo bem-estar da família e procurava exercer da melhor maneira os seus ofícios no castelo, mantendo os aposentos limpos e trazendo impecavelmente as refeições do senhor feudal. Intimamente, ela suspeitava sem vaidade que o soberano sentia-se atraído por ela, todavia, devido a rígida hierarquia, suas muitas concubinas, por ser ela casada e velha demais, não se rebaixara a tal ponto, mantendo guardado o seu punhal de carne.

Todavia, Hime também sabia precaver-se. Desde criança fora iniciada por sua mãe nas artes ocultas. Sabia preparar poções, fazer conjurações, conhecia venenos. Se algum dia Hagiwara-sama fizesse tanto mal a ela a ponto de tornar sua vida insuportável, em vez de matar-se, cuidaria de fazê-lo atravessar o rio Sanzu — aquele infestado pelas serpentes do inferno — e sofrer o suplício eterno. Ter em mãos esse poder, ainda mais por cuidar da alimentação do *daimio*, dava-lhe uma segurança que aplacava a sua ira e tornava suportável as humilhações frequentes.

\*\*\*

A escuridão era absoluta.

Não sabia onde se encontrava. Não via nada. Não ouvia nada. Tateou e sentiu a madeira, era sólida e pesada. Rodeava-o completamente. Mal podia se mexer.

Estava preso.

Trancafiado.

Encaixotado.

A aflição apoderou-se da razão, estilhaçando-a completamente.

*Tirem-me daqui!*

Por que seu pai fez isso com ele?

*Socorro!*

Queria urrar, berrar, clamar aos deuses por liberdade e finalizar aquela angústia.

Era só uma criança.

O tempo não passava.

O desespero aumentava.  
Ele debatia-se e debatia-se.  
A escuridão tornava-se maior.  
Respirar tornava-se mais difícil.  
A sanidade diluía-se por completo.

*Deixe-me sair daqui! Socorro, socorro... SOCORRO!*

Por fim, de muito longe, ouviu uma voz chamá-lo, trazendo-o à tona. Da escuridão, sua salvação emergiu à superfície:

— Meu senhor! Meu senhor!... Acorde! Está tudo bem, senhor.

Era Hime.

Hagiwara-sama, o *daimio*, estava completamente tomado pelo suor. Ofegante e confuso, custou-lhe algum tempo até compreender que tudo não passara de um pesadelo. Renovou o ódio por seu pai e o prazer de tê-lo empurrado do alto da muralha para o abismo. Seu alívio somente não foi completo ao perceber a serva que ali estava, ajoelhada sobre o seu *tatami*, usufruindo de sua intimidade, de sua fragilidade, de seu medo. Como ela se atrevera a tanto?

— O que está fazendo aqui? Fora de meus aposentos! *Busu dane!* Mandarei açoitá-la! Arrancarei seus olhos! Cortarei sua língua!

— Perdoe-me, meu senhor! Por favor, perdoe-me!

Mais dono de si, o *daimio* fez Hime prometer que nada diria sobre aquilo que acabara de presenciar, sob pena dela e toda a sua família ser queimada viva.

Ela jurou por tudo o que considerava mais sagrado.

Todavia, o *daimio* já chegara a conclusão de que era hora de livrar-se da mulher.

Ela sabia demais.

\*\*\*

O dia fatídico, porém, chegou de um outro modo.

Hime, a criada, apresentou sua filha a uma das concubinas de Hagiwara-sama, a fim de pô-la a trabalhar como faxineira. O que menos desejava no mundo era ver a delicada Myoga sob o jugo daquele homem, mas a necessidade a forçara ante os impostos exorbitantes cobrados pelo próprio *daimio* sobre os pescadores e lavradores o que, na prática, significava a eterna servidão.

A desgraça iniciou-se quando o poderoso senhor feudal pôs os olhos na mocinha. O desejo inflou imediatamente o seu pequeno punhal de carne. E, enquanto Myoga limpava um dos aposentos do castelo de Hagiwara-sama, este trancou-se com ela em seu interior.

— Venha cá! Eu adoro gengibre e você me parece tão apetitosa quanto um...

O *daimio* violentou-a.

A filha de Hime, antes alegre e extrovertida, tornou-se uma flor murcha e cabisbaixa a alimentar pensamentos de morte.

— O que aconteceu? — indagou Hime.

Ante o silêncio insistente da filha, acercou-se dela e obrigou-a a falar.

Myoga explodiu em prantos e contou tudo. Tinha somente quatorze anos.

Tomada por um ódio selvagem, Hime abandonou sua resignação e jurou vingança. Encerrou-se em sua casa, invocou os demônios e preparou uma poção. Não iria envenenar o maldito. Não. Seria simples e rápido demais. Ele merecia sofrer mil mortes antes de agonizar pela eternidade nas águas pestilentas do rio Sanzu. E ela estaria lá para apreciar sua ruína.

E assim aconteceu.

Subitamente, por razão desconhecida, o soberano Hagiwara-sama caiu rígido certo princípio de tarde e foi dado como morto.

Entretanto, por baixo das pálpebras cerradas, tudo ouvia, percebia e sentia.

E ele escutou junto ao ouvido:

— Não lhe bastou a esposa, as concubinas e todas as criadas que possuiu. Desgraçou a vida de minha pequena Myoga. Pois saiba, besta maldita, que maior desgraça o aguarda, aquilo que mais apavora e assombra sua alma. É o que irá acolhê-lo. Esse será o seu merecido castigo pela eternidade afora.

A seguir, Hime enfiou uma longa agulha num ponto particularmente doloroso sob a unha do *daimio*.

Ele não conseguia gritar por ajuda, mas sentiu a agonia lancinante a crescer em ondas feito um *tsunami*.

AAAAHHHHH!

A agulha deixou de ser visível.

A dor terrível permaneceria sem que ele esboçasse qualquer reação.

Não tardou para outra criada descobrir o corpo de seu senhor.

Devido a sua adoção ao cristianismo, em vez de ser cremado consoante os ritos xintoístas e budistas, Hagiwara-sama foi colocado em um caixão.

Frestas em suas pálpebras permitiram a ele ver, para seu supremo horror, quando a tampa do esquife foi sendo vagarosamente baixada.

A escuridão.

A claustrofobia.

O odor de madeira.

*Não! Isso não está acontecendo... NÃÃÃOOO!*

E o *daimio* da província de Oita gritou todo o seu desespero repetidas vezes em silêncio catatônico. Toda a loucura de infância emergiu de seus poros e somou-se à dor enlouquecedora que se originava da unha. E sequer um único dedo ele conseguiu mexer, nenhuma sílaba a pronunciar, nenhuma respiração em seu peito.

Ninguém ouvia.

Ninguém atentava.

Ninguém se importava.

Exceto Hime.

A última visão que o senhor feudal teve antes da tampa ser completamente lacrada foi o rosto da criada e o brilho de triunfo em seus olhos.

Hagiwara-sama somente conseguiu gritar muito tempo depois, ao sentir os primeiros vermes atravessarem a seda de seu quimono e devorarem a sua carne. Porém, naquele ponto, na insanidade de sua alma condenada, ele já sabia: estava morto e, sob a carne fétida e decomposta, permaneceria imerso na demência de seus piores medos, encarcerado para sempre nas trevas de sua maldição. Bateu e bateu em vão nas tábuas ao seu redor, sem espaço, sufocado, aterrorizado, perdido. Um morto a quem fora negado o direito de morrer.

\*\*\*

A madrugada ia alta quando Kai e Taue conseguiram adormecer.

O sono de ambos foi perturbado por pesadelos terríveis.

Os gritos ecoavam nas paredes de papel laqueado.

*Yureei.*

Segundo as lendas, eles perambulavam entre o céu e o inferno, e tinham fome de carne humana.

Pai e filha não saberiam dizer se os gritos persistentes vinham do sonho, se era uma alucinação ou se escutavam de fato, algures na noite.

*"Não veja o mal, não ouça o mal, não fale o mal."*

Assim ensinavam os macacos sábios e a eles se apegaram para banir o que de ruim pudesse estar rondando suas terras.

Após o amanhecer, souberam que outros na aldeia também tinham escutado algo semelhante.

Gritos horrendos vindos debaixo da terra.

Os anciãos propuseram exumar o corpo do senhor feudal e dar-lhe as cerimônias fúnebres adequadas, acendendo incensos, orando à Buda e cremando-o ao final.

Kai, o mais corajoso — ou imprudente — entre eles, foi humildemente consultar o único filho homem de Hagiwara-sama, agora considerado o novo *daimio* apesar de ter somente quinze anos. Este, após ouvir seus conselheiros, os quais temiam represálias do Imperador ante a preferência religiosa do falecido, mais do que depressa autorizou.

Assim foi feito.

Aqueles incumbidos do fardo relataram o aspecto pavoroso do cadáver, como se tivesse sido possuído por um demônio.

Boca escancarada.

Unhas quebradas.

Dedos em garra.

Corpo retorcido.

De todos em Oita, somente Hime sorriu. Ela sabia aonde o espírito amaldiçoado se dirigira. Agora, planejava o epílogo de sua vingança: a afronta suprema. No momento oportuno, daria fim ao novo *daimio* e faria de seu neto por nascer o futuro soberano de toda a província de Oita.

Nos anos que se seguiriam, à boca pequena, muitos viriam a jurar em nome do Deus cristão que, enquanto as chamas consumiam os restos asquerosos do senhor feudal, urros agonizantes foram ouvidos junto ao crepitar da madeira e as fagulhas que se elevavam ao céu.

A folhagem de bambu tocou e tocou sua melodia.

O calor escaldante prosseguiu semanas a fio.

Os mosquitos atormentaram dia e noite.

Os *ronins* nunca ousaram aparecer.

Os *kamis*, felizes, suspiraram.

E tudo seguiu o seu curso.

\*\*\*

**NOTA DO AUTOR:**

Por força da limitação do número de caracteres do edital, uma versão reduzida dessa história foi publicada na antologia "Piores Medos", organizada por Indy Sales e publicada em 2020 pela Dark Books. Esta é a versão integral.





APRESENTAMOS O  
CONTO

# FANTASMAS RESIDENTES

POR SELMA LUANNY

SELMA LUANNY SÃO OS PRENOMES E UM DOS PSEUDÔNIMOS DA ESCRITORA SELMA LUANNY SILVA COIMBRA BATALHA, E USADO NA MAIORIA DOS SEUS ESCRITOS. NASCIDA NO BRASIL, NA CIDADE DE COROMANDEL, MG, EM 1958, FORMOU-SE EM MEDICINA E ANATOMIA PATOLÓGICA. RESIDE EM MACAU, CHINA, DESDE 1987 ONDE TRABALHOU COMO PATOLOGISTA POR QUASE TRINTA ANOS. ESCRIVE PRINCIPALMENTE, NA SUA LÍNGUA MATERNA - PORTUGUÊS -, TENDO PUBLICADO TRÊS LIVROS DE POEMAS (POEMAS MATIZADOS, JULIETA SEREI EU E LILASES), SENDO CO-AUTORA DE DOIS OUTROS LIVROS. TEM LANÇADO ONLINE NA REDE YOUTUBE, NO CANAL SELMA BATALHA VÁRIAS SÉRIES DE POEMAS E UMA DE HISTÓRIAS CURTAS.



Quando, passando pela sua frente, dele me apercebi, lá estava um casarão altivo, com dois andares, ladeado por vegetação e com um muro baixo meio vazado, que dava para um estreito passeio à sua frente. Localizava-se numa esquina e era logo visível ao se virar para aquela rua. Ainda era imponente e dava ares de ter sido muito bonito e acolhedor, mas parecendo agora, abandonado – julgava-se... A pintura quase desaparecida do seu exterior, parecia ser de cor clara, pendendo para um bege (se não era resultado da ação dos elementos naturais). As suas quase ruínas mostravam invasão de ervas daninhas e o desgaste pelo longo tempo sem os cuidados de humanos.

Informe-me então, que fora o lar de uma família grande e abastada, com décadas de uma vida cheia e imagino, barulhenta e feliz. A família espalhou-se pelo mundo numa diáspora que tomou conta de grande parte dos moradores desta cidade. E a casa fora naturalmente vendida.

Passaram-se alguns anos do meu conhecimento daquela casa, quando notei que havia sido completamente demolida. E logo depois, começou a ser erguido no seu local, um edifício que diziam ter um projeto para ser muito alto. Esta construção recomeçou e parou algumas vezes e hoje só vemos um esqueleto de edifício à mercê do tempo e intempéries.

Há boatos a afirmarem que o edifício nunca foi adiante nem nunca irá, pasmem, por causa de fantasmas ou almas penadas que fixaram residência naquele casarão e continuam a "proteger" o local. Aparecem para e assustam a quem lá entra e os importuna. E lanternas ou outra luz artificial dos visitantes, são logo apagadas por um "sopro" frio.

Não é sabido que alguém ligado à sua construção tenha comentado publicamente sobre o assunto, mas ouvi dizer que lá há fantasmas locais de vários tipos: uns parecem ser uma raposa que se apresenta como mulher. Outros são figuras humanas sem pés. E outros, menos definidos são chamados de "fantasmas dos afogados" ou simplesmente "almas penadas".

Eu não sou nem corajosa nem aventureira ou curiosa o suficiente para verificar a história *in loco*. Quem se apresenta?

OBS: Os dados apresentados nesta narrativa são ficcionais.



APRESENTAMOS O  
POEMA

# BRUXULEANTE

POR SELMA LUANNY

SELMA LUANNY SÃO OS PRENOMES E UM DOS PSEUDÔNIMOS DA ESCRITORA SELMA LUANNY SILVA COIMBRA BATALHA, E USADO NA MAIORIA DOS SEUS ESCRITOS. NASCIDA NO BRASIL, NA CIDADE DE COROMANDEL, MG, EM 1958, FORMOU-SE EM MEDICINA E ANATOMIA PATOLÓGICA. RESIDE EM MACAU, CHINA, DESDE 1987 ONDE TRABALHOU COMO PATOLOGISTA POR QUASE TRINTA ANOS. ESCREVE PRINCIPALMENTE, NA SUA LÍNGUA MATERNA - PORTUGUÊS -, TENDO PUBLICADO TRÊS LIVROS DE POEMAS (POEMAS MATIZADOS, JULIETA SEREI EU E LILASES), SENDO CO-AUTORA DE DOIS OUTROS LIVROS. TEM LANÇADO ONLINE NA REDE YOUTUBE, NO CANAL SELMA BATALHA VÁRIAS SÉRIES DE POEMAS E UMA DE HISTÓRIAS CURTAS.

No desconforto das suas vassouras  
ou por suas energias propagados,  
alçam a sombrias esferas.  
Dominam um paralelo universo  
de onde se espalham...  
e os seus raios e malícias confundem.

Amedrontam a gurizada  
e as crianças *Peter Pan* que  
com a própria sombra se assustam...  
e espaço e moradia aos bruxos, cedem.  
Nesses receptáculos, permanecem e florescem.

Criados nutridos permitidos  
habitam os mais secretos  
compartimentos nesses falíveis seres  
que às suas faltas, vão dando face  
estes entes "sobrenaturais".

O abrir e escancarar portas é permitir.  
Ao imaginário, entregam  
os seus indefesos corações...  
E à mercê de seus próprios medos,  
na fragilidade prosseguem.

Aqueles que os temem  
e guarida lhes dão,  
créditos e poderes perpetuam.  
Na amplitude do seu mistério  
seguem fortificados... bruxuleando.

Eu bruxo... tu bruxas...  
ele/ela bruxa. Nós bruxamos.  
E os bruxos pelos nossos nomes,  
respondem.







APRESENTAMOS O  
CONTO

# NÃO IMPORTA O QUE VOCÊ FAÇA OU DIGA ELE TENTARÁ ENGANAR VOCÊ

POR SUELI KELLEN FUJIMOTO GIROTTO

NASCEU EM 15 DE MAIO DE 1979, DESCENDENTE DE JAPONESES, NASCEU EM ITAQUERA ZONA LESTE DA CAPITAL DE SÃO PAULO.

SEMPRE BUSCOU COMPREENDER O MUNDO AO SEU REDOR NUMA PERSPECTIVA DIFERENTE E POR ESSE MOTIVO RESOLVEU ESTUDAR LETRAS PARA QUE SE TORNASSE PROFESSORA E PUDESSE PASSAR ESSA VISÃO AOS ESTUDANTES.

**S**ó me lembro que queria voltar, mas já era tarde, eu havia aceitado fazer o procedimento e viver aquele momento, pois precisava entender o que realmente acontecia comigo... eu sabia do meu poder, então eu conseguia ouvir o passo a passo no meu ouvido de como fazê-lo, são poucos que teriam coragem de fazê-lo, na verdade de ter sabedoria para fazê-lo, afinal, não importa o que você dissesse ou fizesse, ele tentaria enganá-lo a todo custo. Mas eu faria, pois eu estava decidida e queria muito mais poder do que já tinha, e na realidade ele nunca iria me enganar, pois eu traria sua vida, ele iria me dever e não eu dever a ele, eu saberia como proceder.

Foi numa data em que todos os números eram ímpares e iguais se abriu o portal, às 3 horas, do dia 3/03/1333. Peguei o ovo escolhido e fiz um pequeno orifício em cima da casca, e na floresta, na madrugada, ao sereno e a luz do luar, ergui o ovo com cuidado para não derrubar o conteúdo e disse:

Que a vida reverta, consagro o pacto alimentando com meu sangue! Que consiga obter em minhas mãos toda magia do universo!

— Eu sabia que o sangue teria que sair do peito, especificamente do lado esquerdo, então fiz um pequeno corte e coloquei três gotas de sangue dentro do ovo, ergui novamente para lua e levei rapidamente para casa. Incessantemente procurei cuidar do ovo, por todo tempo estava comigo de alguma forma, e a cada dia colocava mais gotas de sangue.

Passaram dias e dias e sabia que teria que alimentar o ovo pelo mesmo furo do meu peito, passaram-se três semanas e na luz verifiquei que algo já se formava, então começava a falar com ele, e sobre o que queria, queria mais poder para fazer todas as magias do mundo. Quanto mais dias se passava, mais ele tomava forma, dava para ver contra luz parecia como um verme todo vermelho, conseguia ver seus pequenos movimentos. E ao passar três meses, aquela criatura já havia tomado forma como um verme com braços e tentou quebrar a casca, de lá saiu uma mistura de gema com sangue, ele saía daquele líquido viscoso, ainda desengonçado foi saindo aos poucos e poderia ver nitidamente seu rosto grotesco, com pequenos chifres e dificilmente poderia comparar a algum animal, ele tinha olhos que aos poucos foi se abrindo, e eram totalmente negros, tinha dois orifícios como um nariz e uma boca larga com pequenos dentes afiados como uma piranha, ele se contorcia e fazia movimentos estranhos como se tivesse tendo convulsões. Foi então que por um momento ele parou fechando os olhos e de pé, pude ver



aquele pequeno corpo com braços e pernas curtas, mas não havia sexo, realmente uma criatura muito estranha.

Insisti na coragem de ter os poderes na minha mão, não liguei para nada, estava cega para que desse certo, esperei ele acordar, por alguns minutos ele ficara lá imóvel e sem dizer nada. Ele estava mudando de cor, aquele líquido que estava nele, secava, ficando ele todo de cor alaranjado, com cascas craqueladas pela gema e pelo sangue, eis que ele abre os olhos, olha para mim e diz:

— Já ouvi o que você quer, mas você deve continuar a me alimentar pelo mesmo furo do seu peito, até eu crescer um pouco e terminar de escrever o livro mais poderoso das magias das bruxas! O livro tem poder para ressuscitar vidas e ter o mesmo poder para destruir nações. Só eu tenho o poder para escrever esse livro, pois fui consagrado do portal, só eu posso trazer esses conhecimentos de outros mundos e submundos, pois por lá já passei, depois da escrita você prometerá me libertar?

— Sim

— Saiba que seu pacto para eu fazer o livro, será sua alma! Por um longo tempo você servirá as sombras que me acompanham!

Eu realmente não ligava para o que ele dizia, pois meu plano era fazer a magia para que ele nunca pudesse dominar a minha alma!

Alimentei o ser grotesco até meu peito se ferir, já conseguia ver minhas veias se dilatando e estourando, porém minha dor não era forte do que a vontade que eu tinha de ter os poderes do mundo, valeria a pena, poderia aguentar até saber a magia mais poderosa para curar e regenerar. Aos poucos aquele ser exigia mais e mais de mim, retirava meu sangue e me pedia folhas e mais folhas para escrever o que precisava, ele só pedia para não chegar perto, pois os seres das sombras estavam ali, e realmente podia ver meu quarto cada vez mais escuros pelas sombras que se alinhavam, podia ver aqueles rastros como uma névoa negra com olhos obscuros, podia sentir a morte muito perto, esperei por muito tempo, até que eu conseguia ver que ele terminava a última folha com um pentagrama ao contrário e a capa ele conseguia construir e terminar com um pedaço de madeira, com alguns símbolos de alguma língua que não sabia o que significava.. Quando finalmente ele colocou na minha mão, e disse:

— Este livro só funcionará se houver um sacrifício.

— Você quer dizer que preciso matar alguém e oferecer em sacrifício?

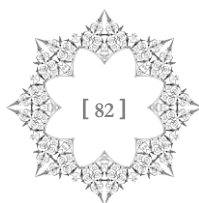
— Não, você já fez isso por mim.

— Como assim? Você deve o livro a mim!

— Você disse que queria os livros em suas mãos e em troca queria sua alma, então esperarei você morrer, sufocada por sua própria ganância, dentre seu sangue, as sombras tomarão sua alma para mim, e assim o livro terá o poder.

A grande ferida no peito começou a sangrar mais e assim infeccionar, já não teria o que fazer, estava fraca, não conseguia sequer me mover, que ser ingrato! Como pude ser ingênua e não perceber o que ele fazia, senti horríveis sentimentos e ainda ele deixara as criaturas das sombras para retirarem minha alma, até que senti o último suspiro...

Pude abrir os olhos novamente com muito sacrifício, de repente percebi que já não estava mais lá, a sala era diferente, será que aquela seria minha prisão? Por quanto tempo ficaria lá? Então olhei para o lado e havia uma mulher, sim, eu me lembrava, aquela era minha sessão de regressão, mas será que poderia acreditar naquilo que vivi por alguns instantes? Poderia ter sido eu, uma bruxa? Talvez aos poucos deixaria de ser cética, pois sempre sentia fortes dores no coração que nunca passaram, foi muito importante entender aquelas dores, que depois da regressão se curaram, pelo simples fato do meu corpo tomar consciência, mas se isso era real, e a criatura? E o livro?



APRESENTAMOS O  
CONTO

# FUMAÇA DO MAL

POR TATIANE DE OLIVEIRA

PROFESSORA DO IFMT, EM CUIABÁ, FAZ DOUTORADO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM, NA ÁREA DE ESTUDOS LITERÁRIOS E É MESTRA EM EDUCAÇÃO COM FOCO NAS RELAÇÕES RACIAIS BRASILEIRAS, AMBOS PELA UFMT.

**G**, que vivia no nordeste brasileiro, como de costume, passeava com a sua moto numa tarde de quarta-feira, dia 25 de maio de 2022. Ele era bem conhecido pela vizinhança, passava e ia acenando.

Neste dia cedo, G estava no maior converseiro na porta da sua casa. Seus filhos, Pedro e Joana, foram à escola, sua esposa, a Querência, terminava de passar outra garrafa de café quando viu que o pó acabou. G, de moto, foi comprar mais.

No mercado, perdeu a visão, ficou tudo embaçado, G escorregou no chão molhado. Acordou com um monte de gente ao seu lado olhando para ele, um segundo foi como uma eternidade. G levantou, disse que estava bem, mas ficou com uma sensação estranha, uns arrepios e uns pensamentos de azar. Chegou em casa meio troncho com a água já fria do café.

Sua esposa, preocupada, o recebeu na porta de casa, quando o viu já percebeu algo estranho. Ele contou tudo para ela e os dois pediram em voz alta e com gestos, proteção espiritual. Não deu para entender o que eles falavam e nem qual era, se é que tinham, alguma religião ou algo assim.

Querência deita um pouco. G limpa a casa e faz o almoço, eles têm esse combinado, hoje era o dia dele. As crianças chegaram da escola gritando, ele toma um susto e dá uma bronca nelas e diz que aquilo não era modo de se comportar! Mas as crianças só estavam felizes e conversando um pouco mais alto, era ele quem estava assustado naquele dia.

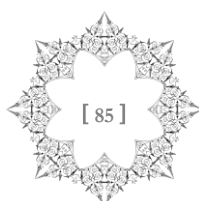
Na gritaria, Querência levantou e todos foram almoçar. G fez um arroz novo, tá certo que meio empapado, mas misturado com feijão, nem dava para perceber. Dividiram entre eles três pedaços de bife acebolado, alguns quiseram também um ovo frito. Quando se sentaram à mesa para comer, acabou a energia, a casa, sem muitas janelas, ficou bem escura. G, já assustado, pede um minuto de silêncio, todos estranham, pois ele nunca tinha feito isso. Nem ele soube explicar. As crianças, espantadas, trocavam olhares com a mãe disfarçando para G não perceber, pois às vezes ele ficava bravo do nada, queriam evitar.

G então saiu de moto, de tão tenso naquele dia, esqueceu o capacete, mas resolveu seguir. Cumprimentava o pessoal na rua e fazia algumas paradas para conversar. Seu amigo, que tem o apelido de Trevor, contou para G que sonhou com ele na noite anterior,

estava tudo muito escuro e esfumaçado e G gritava por socorro. Ao ouvir isso, deu para perceber que o corpo do G amoleceu, seus pelos do braço arrepiaram, ele deu uma chacoalhada no corpo e resmungou algo que não deu para ouvir.

Ainda no trajeto, no final da tarde, já sem sol, por distração, G entrou numa rua errada e sem saída, foi até o fundo para fazer o retorno quando a sua moto derrapou e caiu. No chão, viu dois vultos vindo em sua direção que imobilizaram as suas mãos e os seus pés, e mesmo assim, G se debatia e parecia que gritava, mas ninguém conseguia ouvir, era como se ele estivesse em outra dimensão. Logo depois, deu para ver um terceiro vulto que estava perto e só observava.

Em seguida, mesmo com G se debatendo, os dois vultos tentavam colocá-lo e trancá-lo no porta-malas de um veículo que lembrava um carro assombrado. Com o corpo do G quase todo dentro do porta-malas, só as pernas estavam ainda de fora, começou a sair muita fumaça por todos os lados e G se debatia ainda mais, já quase sem conseguir respirar. Só dava para enxergar as suas pernas, que não eram brancas, se debatendo em meio a muita fumaça, parecia uma situação de guerra. Passados alguns minutos as suas pernas se acalmaram, lembrou o minuto de silêncio que G fez com a família na hora do almoço. Nessa hora os vultos conseguiram trancá-lo lá dentro e desapareceram com ele para sempre.





APRESENTAMOS O  
CONTO

# VIDA LONGO AOS MORTOS!

POR URIEL VOLK

ESCRITOR, POETA E PESQUISADOR. GRADUADO EM DIREITO PELA FACULDADE DE TALENTOS HUMANOS DE UBERABA (FACTHUS), EM HISTÓRIA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO (UFTM), EM PEDAGOGIA PELA FACULDADE FUTURA E EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS PELO GRUPO EDUCACIONAL IBRA. MESTRE EM EDUCAÇÃO PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO (UFTM). PESQUISADOR SOBRE LITERATURA GÓTICA E EXPRESSÕES DO GÓTICO NA ATUALIDADE, ARTE TUMULAR E CAUSOS DE ASSOMBRAÇÕES COMO RESGATE DA HISTÓRIA E MEMÓRIA DA CULTURA POPULAR.

O ano era 2018. Novembro chegava em São Paulo. A cidade já em clima de véspera de feriado do dia de finados, aumentando o fluxo de veículos em direção a rotas de saída para o litoral. Afinal, os feriados na grande metrópole são muito bem vindos, devido à quebra da corrida rotina do dia a dia.

Para Giulio, os dias pareciam sempre os mesmos, vivendo na Paulicéia Desvairada, entre correrias das aulas da universidade e do trabalho, buscando conciliar tudo. Ah, vida de universitário! Nem sempre é fácil, ainda mais para bolsistas, como Giulio, que necessitam sempre manter um bom padrão de notas e frequências em disciplinas. Assim, a vida social tornava-se quase que nula. Como dizia ele; ainda teria muito tempo para aproveitar a vida. Nada em sua vida chegava de forma fácil. Tudo fora conquistado com muito esforço e trabalho. Isso tornara possível a realização de seu sonho, que era cursar Letras.

Mas, este novembro lhe traria uma surpresa. Um convite especial de seus amigos da universidade para uma festa. Não era uma comemoração comum, mas “El Dia de los Muertos”. A festa seria étnica, com decorações e comidas tradicionais do México, país em que esta data era culturalmente comemorada. Desta vez, não teria como Giulio não aceitar, pois seus amigos deram-lhe o convite, a festa seria open bar e ainda teria carona para ida e volta. Era bem dizer uma proposta irrecusável. Como diziam seus amigos, aquele dia Giulio teria apenas a obrigação de se divertir.

Assim, na hora marcada, estava Giulio pronto, com sua roupa preta, junta a uma camisa de banda de rock e seus cabelos longos soltos. Um visual meio gótico roqueiro, que trazia desde sua adolescência. Porém, com uma pintura no rosto, dando-lhe faces mais sombria, pois a festa pedia roupas e maquiagens mais ligadas um Halloween misturado ao Dia dos Mortos.

Aquela balada estava bem animada. Entre um drink e outro, e já todos curtindo a festa, entre casais de ficantes já formados. Apenas Giulio continuava solitário. Nunca teve talento para paqueras, conquistas, rendendo-lhe o apelido de trovador solitário entre os amigos, o último virgem da turma.

Sentado sozinho na mesa, balançando o gelo de seu copo de sangria, num momento de tédio misturado a solitude, veio-lhe à cabeça uma frase de Álvares de Azevedo; “amo-te como o vinho e como o sono”. Porém, a chegada de uma dama de meia idade, quebra seu momento introspectivo, sentando-se na mesa do cavalheiro, perguntando:



— O rapaz me dá o prazer de uma dança?

Giulio olha para aquela loira estonteante, de corpo escultural, profundos olhos verdes, seios fartos e curvas que o deixava sem ar. Mas, cuja pele era tão clara como neve. Uma mulher linda, que nem em seus sonhos mais íntimos poderia crer que pudesse nota-lo. Mas, sim, ela está o chamando para dançar uma música romântica, “I live my life for you”, de FireHouse, música essa que ele nunca mais esqueceria, estando ela sempre em seus pensamentos.

Num impulso, Giulio levantou-se, indo ao encontro da mulher, que disse ao rapaz:

— Deixa eu me apresentar. Meu nome é Romana. Por quê um belo ragazzino está desacompanhado a noite toda? Sou de Firenze, Itália. Lì, un bell'uomo non sarebbe mai solo, senza fidanzata (Lá, um belo homem nunca ficaria sozinho, sem namorada).

Giulio disse:

— Non ho una fidanzata, sono single (Eu não tenho namorada, sou solteiro).

Disse ela:

— Parli italiano. È davvero un ragazzo molto speciale (Você fala italiano. É realmente um rapaz muito especial).

Naquele instante, ambos se entreolharam e pareciam que se conheciam a anos. De repente um beijo ardente surgiu. E logo, abraços, carícias outros beijos levaram o casal a um grande ápice de excitação. Romana tinha a pele um pouco gelada. Mas, no calor do romance instantâneo, Giulio não via mais defeito em sua prima donna.

Sussurrou ela em seu ouvido:

— Gostaria de uma aventura, num local inusitado, porém mais reservado?

— Sim, disse o rapaz sem pestanejar. Não era de seu feitio aventuras, mas naquele instante o desejo, a paixão falavam mais auto.

Assim, saem os dois, quase que despercebidos do local da festa. Foi uma caminhada de uns 20 minutos. Giulio quase não percebeu a chegada. Porém, na chegada ao local, um susto. Chegaram à porta do cemitério. O rapaz deu um passo para traz antes de entrar no local.

Disse Romana:

— Hai paura Ragazzo (está com medo rapaz)? Não tema, aproveite essa aventura entusiástica. Como disse Byron, o entusiasmo é uma embriaguez moral. Aproveite cada momento.

A mulher o levou até um mausoléu lindo, provavelmente de alguma família muito importante, todo em mármore, com belíssimas estátuas. Um túmulo todo construído em arquitetura gótica. No momento que estava frente ao túmulo, ela deitou no mesmo, retirando seu vestido, mostrando sua nudez ao rapaz, fazendo um sinal para que ele viesse a seu encontro.

Giulio, tomado pelo desejo, com Romana já retirando sua camisa, disse:

— Mas, aqui, não é errado?

Disse ela:

— Não, aqui me sinto em casa. Non aver paura della vita; lei è solo un breve respiro (Não tenha medo da vida; ela é apenas um breve sopro). Aqui, junto a você, é como se eu fizesse uma viagem a meu passado.

— Por quê o passado? O presente não te agrada? — Disse Giulio.

— Eu adoro o presente caríssimo. Não precisa ficar desse jeito, porque tudo que eu quero é ficar com você agora. Viver o prazer da vida com você, e de um jeito maravilhoso. Me faz feliz caríssimo! Me faz feliz como se essas fosse minhas últimas horas de vida! Me faz esquecer todas as frustrações que passam por minha cabeça. — Disse Romana.

E foi lá, em cima daquele túmulo que ocorreu a primeira experiência amorosa, sexual de Giulio. No local mais improvável de ocorrer. Um típico amor de contos e romances góticos. E amaram-se como se não houvesse amanhã. Naquele instante o mundo parecia ter parado, entregando-se o casal de enamorados apenas à materialização de um amor em forma de relação carnal. Entre carícias, suspiros e a cópula propriamente dita, o ato sexual consumou-se num gozo lancinante.

Após fazerem amor, acenderam um cigarro para espairecer a cabeça. Entre olhares da visão belíssima de um céu estrelado, numa noite de lua cheia, de expectadora dos amantes, Giulio faz a Romana uma revelação:

— Romana, sei stata la mia prima moglie; sarà sempre speciale per me. (Romana, você foi a minha primeira mulher; sempre será especial para mim.).

Disse ela:

— Ah, caríssimo. Quão puro és tu. É como um anjo que encontrei. Você ainda terá muitos amores. É lindo estar apaixonado. Eu vivi essa experiência apenas uma vez na vida. E para mim acabou. Foi há tanto tempo, que parece ter sido em outra vida. Mas, infelizmente acabou. Na vida tudo acaba, até mesmo a própria vida. Por isso, devemos vive-la de forma plena.

— Como é que você consegue controlar seus sentimentos? — Perguntou o rapaz.

Disse a dama:

— Ajuda muito ser uma pessoa realista como eu sou. Sabe, io non sono una romântica (eu não sou uma romântica). Passional sim, temperamental talvez, mas romântica jamais.

Disse o rapaz:

Você acabou de dizer que foi apaixonada. Por quem? Poderia me contar se puder, se quiser?

Disse Romana:

— Por você ragazzino, só que há muito tempo atrás, digamos que em outra vida. E acabou. Águas passadas. Eu não cobro nada de ninguém, nem da vida, muito menos de você. Queria apenas mais um momento a seu lado.

Vendo a cara de espanto do rapaz, a mulher continuou:

— Não se assuste meu amado. Não se preocupe em entender nada. A vida é muito simples. Nós que teimamos em complicá-la. Durma meu mi amore.

E Giulio logo pegou no sono, dormindo a seu lado lá naquela lápide.

Lá tantas da madrugada, o rapaz acorda. Está sozinho na lápide. Aonde estaria Romana? O deixara sozinho? Primeiro, correu para vestir-se antes que alguém o visse. Mas, onde estaria sua amada? Não, não podia crer no que seus olhos viam. Na lápide a foto de sua amada. Nome: Romana Savoia. Data da morte: 02/11/1966.

Seus pensamentos pareciam gritar dentro de sua mente, num verdadeiro silêncio ensurdecedor. Será que tudo aquilo não passou de uma ilusão, uma visão? Será que tudo fora um delírio criada por sua mente? Ao lado da foto da amada, havia a foto de um homem, parecendo ser um soldado, de nome Vittorio Savoia, com data da morte em 21/04/1944. Não, não é possível!? O homem da foto era idêntico a Giulio. Aquele romance, antes intenso e ardente criara traço assombrosos.

Giulio começa a correr como louco por aquelas vielas escuros daquele campo sepulcral. O desespero fazia seu sangue pulsar forte por todo seu corpo, corando toda sua face. Até que de repente tropeça num inesperado degrau da calçada, lançando-se com tudo até o chão. A queda causou-lhe um corte na mão direita. A adrenalina era tanta, que nem chegou a sentir a dor da ferida.

Logo nota seu celular vibrar no bolso de sua calça. Talvez, algum de seus amigos estivesse preocupado com sua ausência. Mas, não um número desconhecido havia mandado uma mensagem por whatsapp com os seguintes dizeres:

“Meu caro, chamo-me Sheridan. Caso busque respostas sobre o que realmente ocorre contigo, encontre-me no portão principal deste cemitério, que tudo será explicado.”

Após ler aquela mensagem, seu desespero apenas aumentou. Mas, num ímpeto pela busca de respostas foi até o portão de entrada, movido apenas pela emoção. Nunca teria aquela atitude em juízo normal, mas parecia apenas agir por instinto, à procura de esclarecimento, à procura por Romana.

Ao chegar no portão, uma neblina deixava o local mais sombrio. E uma rajada repentina escancara o portão de entrada. Vê Romana lá e corre a seu encontro. Ele a abraça como num impulso.

— Romana, o quê está acontecendo. Estou muito confuso. Quem são aquelas pessoas enterradas naquele túmulo? Eu preciso de respostas — disse Giulio.

— Amore mio, nosso amor é de outra vida. Fomos um casal tão lindo, feliz, tão cheio de planos e vidas. Mas, a maledetta guerra tirou você de mim tão cedo, tão prematuramente. No dia que recebi a notícia de sua morte, caríssimo, prometi a você que faria de tudo para encontra-lo novamente. A morte não poderia nos separar. Anos depois conheci Sheridan, que me deu a oportunidade de uma nova vida, deu-me a eternidade para poder encontra-lo. Hoje finalmente consegui — disse a mulher.

Um homem misterioso o espera por entre a neblina, junto a Romana. Giulio sente algo quente escorrendo por sua mão. Era o corte na mão que continuava sangrando.

— Hum, como é apetitoso cheiro do sangue quando vem misturado com desespero — disse Sheridan.

Giulio não podia crer, mas o homem possuía presas. Não podia ser, aquele ser era um vampiro.

— Sim, rapaz. É como você pensa. Sou um vampiro. Senti o cheiro de seu sangue de longe. Assim, como dei a sua consorte, dou-te a chance desta escolha, da dádiva de ser imortal. A escolha de uma vida.

Agora o destino do rapaz baseava-se numa escolha. Estava em suas mãos a escolha de sua existência. Mas, ao olhar para Romana, algo muito estranho tomou seu ser. Não apenas seu corpo, mas sua alma pedia pela amada. E, num gesto quase que

incrédulo, aproximou-se de Sheridan, como um consentimento, um aceite ao presente da dádiva da imortalidade.

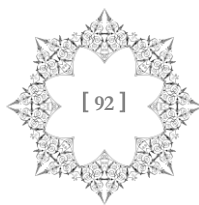
— Ascolta bambino, come ha detto Byron, la vita è come il vino. Se vogliamo gustarlo bene, non dovremmo berlo fino all'ultima goccia (Ouça criança, como disse Byron, a vida é como o vinho. Se a quisermos apreciar bem, não devemos bebê-la até à última gota), disse o vampiro, dando um aperto de mão com o rapaz como se estivesse selando um pacto.

A mão que Sheridan apertou foi a mão ferida de Giulio, sujando sua mão com o sangue do rapaz. Vendo a mão suja de sangue, o mesmo lambeu-a para limpá-la.

— Ah, criança, vou dar-te a dádiva de um tempo sem fim, longe dos limites da mortalidade, “Lunga vita per i morti (Vida longa aos mortos)!”, disse o vampiro, dando em seguida uma mordida certa na jugular de Giulio. Pronto, o pacto estava firmado.

“O amor não mata a morte, a morte não mata o amor. No fundo, entendem-se muito bem. Cada um deles explica o outro.”

(Jules Michelet)





APRESENTAMOS O  
CONTO

# CONJURAÇÃO PERVERSA

POR ALEX VILARON

ALEX NASCEU NO RIO DE JANEIRO. ESTUDOU NO INSTITUTO METODISTA BENNETT E FEZ FACULDADE DE ENGENHARIA NA UFRJ. TORNOU-SE ENGENHEIRO DE CAMPO EM EQUIPAMENTOS DA ÁREA MÉDICA. LEITOR VORAZ DESDE PEQUENO, NO INÍCIO DESTE ANO RESOLVEU SE ARRISCAR A ESCREVER CONTOS DE FICÇÃO DE SUA PRÓPRIA AUTORIA. É CASADO E MORA EM SUA CIDADE NATAL.

**O** Sol poente tinge o céu com tons brilhantes de bronze. Um lindo espetáculo. Na beira da praia a jovem loura contempla o visual. Está sentada abraçando as pernas, o queixo apoiado nos joelhos. A natureza ali, tão bela e exuberante, a emociona. Seus olhos azuis estão marejados.

Uma rajada mais forte e gelada de vento arrepia sua nuca. Acostumada com atividades ao ar livre, ela pressente chuva. Chuva pesada.

— Cassie! — grita para a amiga que acaba de chegar à beira mar surfando uma onda. — Vamos embora! Já vai escurecer e o vento mudou. Vem chuva forte por aí!

— Só mais uma, Lala! — responde a outra. É uma garota alta, esbelta e atlética, de longos cabelos castanhos. — As ondas estão demais! Você parou mesmo? Nem uma saideira?

Lala acena que não e vê a amiga se afastando contra a maré. Levanta-se, pega a prancha cravada na areia e a leva debaixo do braço até o Fusca azul estacionado logo acima. Ajeita a prancha no rack sobre o teto e prende bem forte as cordas elásticas. Veste a saída de praia para se aquecer um pouco. O vento está agora mais forte e gelado e ela decide esperar a amiga dentro do carro. Aninha-se no banco do motorista e liga o som. Sem se dar conta, adormece após alguns minutos.

Quando a trava estala, ela acorda num sobressalto. Olha para Cassie em pé ao lado da porta aberta, sorridente, molhada do mar. O céu está quase totalmente escuro. Lala sai do carro para ajudar a amiga a prender a outra prancha. Reclama por ela ter ficado tanto tempo surfando, mesmo depois que a alertou sobre a mudança no tempo.

— Não esquenta, vovó — debocha Cassie. — São apenas cem quilômetros até a pousada. Com o seu carrão chegamos lá num piscar de olhos.

Lala volta a sentar-se, fecha a porta com força e liga o carro. Cassie se joga sobre o outro banco. Nota que a amiga está aborrecida. Cutuca seu ombro.

— Foi mal, amiga. Eu me distraí. Quando estou nas ondas, perco a noção do tempo. É como a caçada para você. Lembra-se de quando você me pôs naquela furada? Três dias na mata! Três dias, garota! Você achando aquilo o máximo da diversão. Lala, a caçadora!

Lala ri. Sente que seu rosto está ruborizado.



— É bom que você se lembre mesmo! — provoca. — Melhor não me aborrecer! Não se esqueça que o rifle está sempre em mãos para dar um jeito em amigas da onça.

Cassie fica séria. Não gosta de armas, e menos ainda, do rifle Colt 15 que Lala traz sempre à mão.

— Sério, Lala, você não devia ficar carregando esse treco para todo lugar! Viemos para essa pousada para surfar. Surfar, não caçar! Estamos num paraíso, não na selva.

— Não me separo da Catarina por nada. E ponto final. E vamos nessa que tem muita estrada pela frente. E a estrada é quase toda de terra. Vai virar lama se chover forte.

Ela pisa algumas vezes no acelerador, e uma cortina de fumaça enche o ar. Os estouros irregulares do escapamento ecoam pelo ambiente silencioso. O Fusca se põe em movimento pela mesma estrada por onde chegaram horas atrás.

Logo mais um estrondo reverbera no céu e prematuras gotas de chuva batem no para brisas, e segundos depois a tempestade desaba. Elas se esforçam para enxergar o caminho a frente, mas a visibilidade está bastante comprometida. Relâmpagos e trovões se alternam furiosos no céu noturno e cada vez aumenta mais o volume de água da tormenta.

Pouco depois um raio bem forte clareia a noite. O trovão vem logo em seguida, e as duas concluem que o raio caiu por perto. Dois quilômetros à frente, Lala se assusta e freia com toda força, repentinamente. O carro desliza para um lado, ela tenta corrigir e ele rabeia para o outro. Desliza inclinado até se chocar com a imensa árvore derrubada no meio da pista. Na batida a porta de Cassie se abre e ela é jogada para fora do carro, caindo na relva desacordada. Lala bate a cabeça no volante e perde os sentidos.

Cassie desperta desorientada. Assusta-se ao perceber tudo escuro ao redor. Sente as costas úmidas e o corpo doído. Está deitada sobre uma vegetação rasteira na terra enlameada. Senta-se e tateia, acha um tronco de árvore e se acomoda nele. Olha para o céu e não vê a Lua, só uma tênue claridade. Há poucas estrelas.

Ela relembra o acidente, e grita, chamando por Lala. Ninguém responde. Um sentimento de solidão a desola. O coração dispara e ela treme. Olha para os lados, aguça os ouvidos, mas não vê ou escuta nada. Ou ninguém.

Levanta-se. “Não posso ficar aqui”, pensa. “Acho que desmaiei no choque, e depois, caminhei como sonâmbula até desmaiar novamente. O carro não deve estar longe. Lala pode estar desacordada, por isso não me ouviu gritar. Meu Deus, ela não pode ter... não, isso nem pensar! Não batemos tão forte... ou batemos?”

Cassie começa a chorar um choro uivado e doído. “Preciso sair daqui! Tenho que encontrar Lala e o Fusca.”

Ela se põe a caminhar, escolhendo a direção às cegas. Vai devagar, pisando com cuidado, temendo ferir os pés descalços. E rezando para não dar de cara com alguma fera notívaga.

Segue assim errante e cautelosa, até parar, exausta, ao lado de outra árvore. Encosta-se no tronco para descansar. As trevas estão mais densas e as estrelas sumiram do céu.

Então ouve tambores e se põe em alerta. Reverberam numa cadência sinistra e hipnótica.

— Uma rave! — fala para si mesma. — É uma festa rave. Se eu achar o local, estou salva!

Cassie recobra o ânimo e se põe a seguir o som. Serpenteia pela mata escura sentindo o som aumentar cada vez mais, até que ao enfiar a cabeça entre duas árvores, dá de cara com uma imensa clareira.

É uma cena macabra. Vê doze pessoas ao redor de um cubo de pedra. Próxima de cada lado desse altar arde uma fogueira alta. Encaixado na pedra se ergue um tronco liso e escuro. E uma adolescente está amarrada ao tronco. Veste uma bata branca. Defronte dela o décimo terceiro, uma espécie de sacerdote, ou bruxo, pronuncia palavras inaudíveis sob a batucada dos quatro tambores em cruz.

“Isso é alguma representação teatral”, pensa. “Uma performance.”

Os tambores param tão repentinamente quanto começaram. Faz-se um silêncio sobrenatural. Ela sente um arrepio na espinha e os pelos eriçados.

O bruxo não para de falar. Agora ela ouve, mas não compreende as palavras.

Cassie não percebe a chegada, nem identifica de onde veio a figura medonha que surge atrás da garota no altar. Parece ter surgido do nada. Ou do Inferno. Um gigante esguio com mais de dois metros e meio. Tem rosto oblongo, olhos escuros em órbitas fundas, nariz quase plano e boca pequena e maligna, parecendo um risco reto e estreito na tez pálida. “Se existem fantasmas, esse é um”, pensa.

O feiticeiro olha para o infinito, proferindo encantamentos satânicos. Não vê nada ao redor. “Está em transe.” Uma mulher sai do círculo. Todos vestem robes negros. Saúda o gigante com humildade e estica os braços para ele. O homem pega o objeto e o levanta ao céu. É um facão com lâmina polida e pelo menos dois palmos de comprimento. Cassie tapa a boca para abafar um grito. “Não é possível,” pensa, aterrorizada. “Não pode ser verdade, isso tem que ser uma peça de teatro!”

No âmago de seu ser ela sabe que é real. Vão matar a jovem. A criatura, que no fundo Cassie sabe ser inumana, vai cravar o facão no peito da garota. Ela sente lágrimas pelo rosto. O gigante levanta a arma e prepara o golpe. A vítima acompanha os movimentos com apatia. “Está drogada, bem drogada. Não posso ajudar... não posso fazer nada. Meu Deus... por favor, meu Deus, salve essa menina!”

O que se segue gela seu sangue. O ser retrai o braço, e se vira em sua direção. Apesar da distância ela tem certeza de que ele a encara, olhos nos olhos. O coração dispara descontrolado e ela sente uma dor aguda no peito. Tudo começa a rodar.

Quando volta a si, Cassie se acha amarrada no mesmo tronco da menina. Também veste uma bata branca. Por alguma razão ela não foi dopada. O feiticeiro chefe continua conjurando. Assim de perto ela nota os olhos rolados para dentro, brancos como neve. Então vê o gigante. É descomunal. Cassie sente que o fim de sua vida está próximo. Sente um profundo pesar e pede a Deus, em pensamento, que poupe Lala e a leve de volta para casa em segurança. E pede por ela também. “Me poupe, meu Deus”, suplica em prantos.

O ser levanta o braço, segurando a faca. “Então é isso. Chegou a minha hora.” Ela fecha os olhos e aguarda o golpe no peito.

Um tiro ecoa nas proximidades. Cassie abre os olhos a tempo de ver o gigante contorcido pelo impacto. “É Lala!”, pensa Cassie, e sorri. “Minha Lala caçadora! Graças a Deus!”

A criatura vai em direção à mata próxima. O círculo se desfaz. Os doze correm em direção oposta a que vai o ser. Cassie nota o feiticeiro alheio a todo barulho e movimento. Ele permanece no mesmo lugar, olhos revirados, declamando suas maldições sem parar.

Mais um estampido e a criatura se contorce com o impacto da bala, mas logo se recompõe e volta a se aproximar da vegetação. Cassie sabe que o gigante vai achar Lala e sente que tiros não o deterão. Grita com toda força:

— Lala! O feiticeiro! Atire no feiticeiro! Ele controla o gigante!

A criatura vira em sua direção. Seu rosto é uma máscara de terror e ódio. Cassie percebe que ele está ponderando se volta para acabar com ela, ou prossegue até Lala.

Mais um estrondo, e o bruxo cai. Cassie grita de alegria. O gigante dá mais dois passos e fica imóvel, como um corpo sem alma. Desaba com o rosto em terra. Os doze berram, gemem, uivam, possuídos por ira e temor. Um mais afoito corre na mesma direção da criatura, certo de que encontrará o atirador. Outros três o seguem. Segundos depois os quatro estão abatidos com o rosto em terra. É o suficiente para que o restante fuja correndo mata a dentro.

Cassie vê a amiga saindo da mata vestida com a roupa de caça, o rifle sobre o ombro. Desata a chorar, um pranto de alívio. “Ela salvou minha vida e isso não é pouca coisa”, pensa, feliz. “Agora tenho com ela uma dívida eterna.”

Assim que se liberta das cordas, Cassie dá um abraço apertado em sua salvadora, e ambas choram de emoção.

— Lala, tem uma garota, eles a pegaram também. Uma adolescente.

As duas procuram a jovem pela clareira e a encontram amarrada em posição fetal atrás de uma pedra. Ela ainda está sob efeito da droga, mas começa a recobrar os sentidos. Pelo menos o bastante para caminhar e darem o fora dali.

Lala caminha na direção do gigante, mas ao se aproximar, hesita. É grande, muito grande.

— Que diabo é isso, Cassie?

— Não faço ideia. Ele parece ter surgido do nada. Aquele bruxo não parava de conjurar algum feitiço. Palavras bem estranhas, eu não consegui entender nada.

Tomando coragem, Lala se aproxima mais. Abaixa-se ao lado do corpanzil inerte, e o toca no braço. Leva um susto quando seus dedos afundam facilmente na pele branca. Puxa do cinto a faca de caça. Respira fundo e corta a pele do braço. Ela pula para trás assustada.

— Cassie, ele é de palha! — grita. — É de palha! Como essa coisa estava andando?

— Eu não faço ideia. Você tem isqueiro? — pergunta para Lala. — Me empresta?

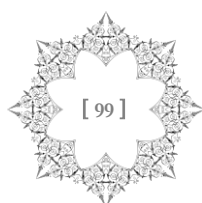
Lala tira o isqueiro do bolso e o entrega para Cassie. Ela diz, solene:

— Recolherá no celeiro o seu trigo, e queimará a palha com fogo que nunca se apagará.

Então se abaixa e atea fogo na criatura misteriosa. As chamas vão aumentando rapidamente e em poucos minutos, aquele ente sobrenatural se reduz a cinzas.

Lala não se esquece de gravar as coordenadas no GPS para denunciar o local para as autoridades.

Elas dão a mão para a garota que ainda está desorientada, e seguem mata a dentro, afastando-se daquele local de sacrifícios cruéis e rumo à segurança. Lala explica para a amiga que o Fusca tem a frente toda amassada e o para brisas quebrado, mas o velho motor ainda funciona e se tiverem sorte, devagar e sempre, ele chegará ao vilarejo mais próximo para buscarem ajuda por lá.



# CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS  
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

**VISITE:** [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

**CURTA:** [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)

**SIGA:** [WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)

**E-MAIL:** [ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM](mailto:ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM)

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**